

Projeto USP/ CEM/SEADE/CEBRAP – CNPq/Hewlett/Fapesp
“Desemprego: Abordagem institucional e biográfica:
uma comparação Brasil, França, Japão”

RELATÓRIO FINAL

GRUPO: JOVENS

Elenice M. Leite

**versão preliminar, para discussão
São Paulo, SP - fev/2002**

SUMÁRIO

I – A PESQUISA

- 1 – O grupo alvo e a seleção dos casos - p. 3
- 2 – O trabalho de campo – p. 5
- 3 – Perfil dos entrevistados – p. 9

II – SITUAÇÃO E TRAJETÓRIAS

- 1 – Situação atual de trabalho – p. 15
- 2 – Efeitos do desemprego – p. 21
- 3 – Formas de procura de trabalho – p. 25
- 4 – Etapas na trajetória de trabalho – p. 28
- 5 – Mudanças nos ambientes de trabalho – p. 30
- 6 – Trajetória familiar – p. 31
- 7 – Efeitos do desemprego sobre a visão dos jovens - 32
- 8 – Expectativas: o futuro – p. 34
- 9 – Síntese e conclusões – p. 38

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA: JOVENS – p. 45

ANEXO B – TRAJETÓRIAS: PLANILHA DE EVENTOS – p. 48

BIBLIOGRAFIA – p. 61

SIGLAS E ABREVIATURAS – p. 62

I - A PESQUISA

1. O grupo alvo e a seleção dos casos

Esta pesquisa focaliza um dos grupos alvo definidos no estudo comparativo França-Japão-Brasil¹, que aborda a questão do desemprego, em suas dimensões normativa, institucional e individual, em diferentes grupos ou segmentos de pessoas desempregadas.

Trata-se, **neste relatório, do grupo de jovens**, definido, pelo projeto, nos seguintes termos:

“rapazes e moças recém egressos do sistema educacional, com uma formação que os expõe, de maneira recente, às dificuldades de inserção profissional (os perfis escolares vão variar segundo os países, tendo em conta as importantes diferenças nos níveis escolares de saída – tratar-se-á de diplomas pouco valorizados no mercado de trabalho)”. (em francês no original).

Para fins de realização da pesquisa, no Brasil, essa definição traduziu-se na focalização de

jovens de ambos os sexos, entre 16 e 21 anos de idade, com escolaridade entre fundamental completo e médio completo (antigos 1º e 2º graus), sem experiência anterior de trabalho, em situação de desemprego (aberto ou oculto pelo trabalho precário/desalento).

Deve-se observar que a definição de “juventude” varia amplamente no contexto internacional. A categoria “jovem” pode começar entre 14-18 anos e terminar entre 25-30 anos, dependendo do país e da finalidade da classificação. Na América Latina, para fins de estudos e políticas públicas, situa-se em geral na faixa de 15-24 anos. No entanto, para o foco da pesquisa proposta, no Brasil, considerou-se adequado operar entre 16 anos – mínimo legal para o trabalho² – e 21 anos – entrada na plena maioridade jurídica.

Com base na definição acima, foi recortado um total de **68** casos na PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego da Grande São Paulo, da Fundação SEADE e DIEESE, considerando o **estoque pesquisado em 2001, de 111 casos**, na faixa etária de 16 a 24 anos, sem experiência anterior de trabalho, com nível de instrução mínima de fundamental completo e no máximo, de médio completo

A partir dos 68 casos recortados, foram sorteados **24: 12 titulares e 12** para eventual **reposição**. As 12 entrevistas foram feitas com 6 titulares e 6 da reposição. O critério básico para reposição foi manter equilíbrio de sexo, idade, cor, escolaridade, renda e localização geográfica da “amostra”. As 6 perdas entre os

¹ Projeto USP/ CEM/SEADE/CEBRAP – CNPq/Hewlett/Fapesp “Desemprego: Abordagem institucional e biográfica: uma comparação Brasil, França, Japão.

² Estabelecido no Brasil a partir de dezembro/1999 (até então, era 14 anos).

titulares são detalhadas no quadro 1 a seguir. Adiante, compara-se o perfil dos 12 entrevistados³ com as “amostras” (titulares e reposição) e o “universo” (68 casos recortados na PED).

O estudo é exclusivamente qualitativo, baseado em entrevistas abertas, gravadas, com os jovens sorteados. Todas as entrevistas foram feitas pela autora, nos domicílios dos jovens, no período de 15-20/11/2001, sem agendamento prévio, seguindo um roteiro básico definido pelo projeto (v. Anexo A).

Quadro 1: Jovens - perdas na “amostra” de titulares

Domicílio (PED-2001)	Perfil sorteado*	Ocorrência
9648 Mandaqui (abril)	homem, 16, branco, médio incompleto, 26 sem. procurando trabalho, RF 3,6 mil	RECUSA DIRETA.. Contato com a mãe em 17/11/01, jovem viajando. 3 tentativas de marcar por telefone, entre 19-20/11, diretamente com o jovem, que disse estar <u>muito</u> ocupado, estudando para provas, só poderia dar entrevista por telefone.
12939 Itaquaquecetuba (abril)	mulher, 17, parda, médio incompleto, 103 semanas procurando trabalho, RF s/i	AUSENTE. Contato com o pai, em 18/11/01. Tentativa posterior de contato telefônico, sem sucesso (filha estuda, procura trabalho e tem muitas atividades na igreja evangélica).
13685 Vila Jacuí (abril)	homem, 23, branco, fundamental completo, 257 semanas procurando trabalho, RF 220	RECUSA INDIRETA. Contato com mãe em 18/11/01. Informou que filho não sai à rua há 4 anos, vive só com ela e o pai, cuida da plantação e criação de galinhas e porcos que sustenta a família (embora o entorno seja urbano). Tentou chamá-lo, sem sucesso. Situação confirmada por vizinhos que estavam em bar ao lado da casa, segundo os quais o jovem tem problemas mentais.
14508 Morumbi (abril)	mulher, 16, parda, médio incompleto, 13 semanas procurando trabalho, RF 570	NÃO LOCALIZADO. Tentativa em 20/11/01. Endereço e, rua sem nome, sem número. Não se retornou porque, a essa altura, as mulheres já representavam 50% dos casos e se buscava equilíbrio de gênero.
20592 Sacomã (junho)	homem, 19, branco, médio completo, 13 semanas procurando trabalho, RF s/i	AUSENTE. Contato em 16/11/01, casa fechada. Retorno em 20/11/01, contato com empregada (pelas grades do portão); não quis informar sobre horários do jovem ou família nem receber a carta (ordens da patroa, medo de assaltos).
20799 Osasco (junho)	mulher, 16 parda, médio incompleto, 21 semanas procurando trabalho, RF s/i	MUDOU-SE. Contato em 17/11/01. Caracterização da família indicou que moram no local há 3 meses; nada sabem da anterior, que se mudou.

* Todos estão na posição familiar/domiciliar de “filhos”, segundo a PED.

RF = renda familiar; s/i = sem informação na PED

³ Entre os 12 entrevistados, um caso não estava em nenhuma das “amostras” (titular/reposição), mas é irmã de um titular sorteado. A entrevista foi feita por se tratar de pessoa que ilustra um perfil importante para o estudo (mulher, negra, desempregada, de baixa renda) e pela possível dificuldade de encontrar o irmão (viaja, estuda, sai, faz bicos, não pára em casa), a partir de informações por ela prestadas.

2. O trabalho de campo

Condições gerais

O campo foi realizado nos dias 15-20/11/01. Das 12 entrevistas, 10 foram realizadas entre os dias 15-18/11/01 - um período de feriado prolongado (5a. feira, com “ponte” na 6a. feira). Para obtê-las, foram feitas 18 tentativas (6 perdas, indicadas no quadro 1).

A decisão de concentrar as entrevistas no período foi orientada por três supostos, posteriormente confirmados:

- a relativa facilidade de deslocamento nesses dias, menos afetados pelos recordes de congestionamento (agravados por alagamentos típicos da estação), que marcam o trânsito nos dias úteis, na Grande São Paulo.
- a maior probabilidade de encontrar as pessoas em casa (supondo tratar-se de famílias de média e baixa renda, que não costumam viajar);
- a relativa urgência em aproveitar a primeira quinzena de novembro, considerando que, a partir dessa data, os jovens ficariam menos disponíveis, em função do calendário escolar (provas, trabalhos) e/ou da intensificação da busca de trabalho, aproveitando o mercado temporário do final de ano.

Os contatos e entrevistas foram feitos no horário entre 10 e 18 horas, considerado mais viável e adequado para achar as famílias e jovens em casa, apostando-se que, pelo perfil da maioria do grupo, não estariam viajando no feriado prolongado - suposto também confirmado.

O campo durou, ao todo, cerca de 60 horas (contando organização do material, deslocamentos e entrevistas. Em alguns casos (becos, ruas sem nome, casas sem número), foi necessário caracterizar mais de uma família (vizinhos) até localizar o domicílio/perfil desejado.

A permanência média por domicílio foi de 1 hora, a partir do contato inicial, seguido da caracterização dos moradores. As entrevistas propriamente ditas duraram, em média, 20 minutos por jovem, variando entre 10 e 40 minutos.

O tempo maior foi gasto nos deslocamentos, dada a dispersão dos endereços (cobrindo praticamente todas as regiões da capital e da área metropolitana) e dificuldades previsíveis de acessos e de localização. Para cobrir todo o campo, foram rodados cerca de 600 quilômetros no período.

Para organizar as visitas, foram traçadas rotas por direção e proximidade de domicílios das duas “amostras” (titular e reposição), com base nas indicações da PED-SEADE e um guia atualizado de ruas (Mapograf 2002).

O trabalho foi feito de táxi, salvo as duas primeiras entrevistas, no dia 15/11/01, na Vila Formosa – o endereço menos remoto entre os sorteados. O uso do táxi garantiu mais agilidade, segurança e aproveitamento do tempo de deslocamento entre uma entrevista e outra, para anotações de campo.

Abordagem inicial e receptividade

A abordagem inicial foi feita com mães (6 casos), pai (2 casos), irmã (1 caso) e os próprios jovens (3 casos). Quando crianças atendiam, iam logo chamar alguém (a pedido ou espontaneamente). Houve casos de contato inicial com vizinhos, para confirmar o endereço (nome da rua), em logradouros de difícil identificação.⁴

A reação inicial dos adultos foi quase sempre de desconfiança e/ou má vontade, o que é usual quando estranhos batem à porta (*vendas? assalto? propaganda? pregação evangélico? pedido de doação?*).

A apresentação do crachá e da identidade – geralmente à distância, através de cercas e portões gradeados - ajudou a vencer essa primeira barreira. Todos os domicílios eram casas térreas ou sobrados, com frente para a rua. Isso permitiu o contato inicial diretamente com o morador, eliminando a provável barreira de guaritas e portarias, se fossem prédios ou condomínios.

A coordenação do projeto definiu um texto e um ritual básico para caracterizar os moradores e identificar o entrevistado, sem quebrar o sigilo da PED ((v. Anexo A). O “script” geralmente teve de ser resumido para se iniciar o contato, colocando-se ênfase sobre a expressão chave “pesquisa sobre emprego e desemprego”.

Poucos abriram a carta do SEADE que explicava a pesquisa; apenas uma mãe e dois jovens fizeram sua leitura. A carta de credencial da pesquisadora foi sempre mostrada, mas raramente lida (mesmos casos acima). A maioria passava os olhos sobre o texto, relativamente longo, dobrava a carta e perguntava: *O que é que é mesmo?* Os nomes das entidades no crachá (e do projeto) não pareciam fazer sentido (exceto em dois casos) e poucos se lembravam bem da última PED, realizada no 1º semestre de 2001, nos casos sorteados. Houve caso de confusão com o Censo Demográfico, recentemente concluído.

A pergunta quase invariável, depois de entender a finalidade do contato (pesquisa), era sobre a demora: no geral todos se declaravam muito ocupados, com compromissos, de saída – nada estranho nesse tipo de contato, é bom repetir. Garantida a rapidez, não houve problema para a caracterização do grupo familiar, justificada como confirmação/atualização da PED e conduzida com rapidez, como prometido. Todavia, quando identificado o caso e solicitada a entrevista, foi necessário repetir o objetivo, reiterar sua necessidade e importância, para os pais e para os próprios jovens a ser entrevistados.

Alguns manifestaram descrédito em relação a pesquisas em geral, céticos quanto à atuação do governo em relação ao desemprego, apesar de tanta pesquisa. Houve mãe que queria responder pelo filho e estranhou a metodologia (gravação em lugar de um questionário), pai que achava melhor o irmão mais velho falar. A explicação de que é importante ouvir os próprios jovens, dar voz a eles, foi no geral aceita, embora nem sempre com muita convicção.

⁴ Em bairros afastados e periferias, a chegada de estranhos (ainda mais sendo mulher, com pasta na mão, de táxi) atrai a atenção de vizinhos, moradores ou estabelecimentos comerciais, crianças brincando na rua.

Logrou-se, contudo, obter a entrevista em praticamente todos os casos em que os jovens atenderam à porta ou foram chamados pelos pais ou outros parentes, mesmo quando estavam descansando, jogando bola, vendo TV - atividades típicas de feriado (salvo recusa explicada no quadro 1).

Feita a abordagem inicial, a caracterização da família e a entrevista transcorreram de forma cordial - propiciando dissipar em parte atitudes de má vontade, desconfiança – mas distante. Gentilezas usuais, como oferta de café e água, só em dois casos (em um deles, a água foi solicitada pela entrevistadora).

Houve apenas uma exceção nesse quadro: uma entrevista com hora marcada (pelo telefone, após contato inicial), que transcorreu com maior descontração, apesar da pressa declarada de antemão pela entrevistada, que estava de saída para a faculdade – mas não teria outro dia menor para agendar a conversa, no curto prazo.

Em alguns casos, foi possível conversar um pouco mais com a mãe, enquanto se esperava o caso a ser entrevistado. Informações importantes, sobre a família e o entrevistado, foram recolhidas nessa espera, mas poucas foram gravadas (já que o pedido de gravação sempre se dirigiu aos jovens escolhidos).

Local das entrevistas

Foram todas realizadas nos domicílios, mas em dependências e situações diversas:

- dentro de casa, sentados = 5 (2 na sala, 3 na cozinha);
- para dentro do portão = 3 (sentados em bancos ou degraus da entrada);
- do lado de fora = 4 (no táxi, em pé no portão, inclusive uma por entre suas grades⁵).

Sugeriu-se, sempre que possível, a busca de um local mais tranqüilo e confortável para a conversa. Mas a tendência geral foi de as pessoas (pais e/ou jovens) pedirem desculpas logo de início, por não convidar a entrar, apresentando motivos como a desordem da casa ou o fato de alguém estar descansando. Quando convidaram ou atenderam sugestão da entrevistadora, também se desculparam pela desordem – um comportamento que tanto reflete um traço da cultura nacional, como a natural “vergonha” que os mais pobres têm de suas moradias, sobretudo diante de estranhos.

Algumas gravações foram afetadas pelo ruído do tráfego local, mas todas são aproveitáveis, sem perda de relatos e informações. Houve dois casos em que o ruído foi maior, o que exigiu a repetição de parte das declarações (aceita com relutância por uma das entrevistadas, o que contribuiu para encurtar seu depoimento, ainda que presentes os itens mais importantes da pesquisa).

⁵ Mãe não concordou em abrir, diante da insegurança da região – Arujá; explicou que, mesmo sendo pobres, não podem confiar em ninguém, ainda que apresente identidade, crachá, etc., já que hoje tudo se pode falsificar. Estranhou gravador, tipo de pesquisa (sem questionário) e ficou todo o tempo presente, ao lado do filho.

Reações dos jovens entrevistados

A maioria se mostrou relutante, reticente, encabulado, pouco à vontade, todos com pressa, ocupados, precisavam sair, estudar. Mas ninguém quis agendar a entrevista para outro dia ou horário; alegavam que seria difícil, não param em casa, têm escola, bicos, compromissos. Como esperado, preferiam “livrar-se do assunto” logo.

Naturalmente, foi mais fácil nos casos em que o próprio jovem atendeu e caracterizou a família, o que facilitou a conversa. Poucos reagiram mal ao gravador, desconfiados, mas aceitaram depois de se propor que fizessem a experiência e, se não gostassem, a gravação seria interrompida. Não houve necessidade. Todos deram continuidade à gravação.

As falas são quase sempre lacônicas, curtas, entrecortadas, aos trancos, repletas de pausas e monossílabos – nada a estranhar, conhecendo a tendência dessa faixa etária, de falar pouco, em códigos, não se abrir com adultos, ainda mais uma desconhecida que bate à porta. Com raras exceções, tentavam encerrar a conversa logo após o primeiro bloco, da fala inicial. Houve necessidade de induzir, insistir, “puxar assunto” para prosseguir. No geral valeu a pena, pois foram obtidas informações relevantes sobre trabalho, vida pessoal, amizades. As entrevistas foram encerradas pela pesquisadora, diante de sinais de esgotamento do assunto, enfado, impaciência e/ou pressa do entrevistado (ou familiares presentes).

A presença de familiares, aliás, foi um complicador (previsível), na maioria dos casos: sendo no domicílio, não havia como evitar a presença ou circulação de pais, mães, avós, tios, irmãos, vizinhos. Pais e irmãos mais velhos tendem a intervir, corrigir ou completar as falas dos jovens. Todos aportaram componentes interessantes para a pesquisa (há trechos de mães, pai, irmãs que entremeiam as gravações). Por outro lado, podem ter inibido os jovens, levando a discursos “ensaiados”, frases feitas, jovens falando o que sabem que os pais gostariam de ouvir (parecem todos tão certinhos, tão responsáveis!).

Todo esse contexto contribuiu para encurtar as entrevistas. De todo modo, a experiência mostra que raramente se passa de meia hora em pesquisas dessa natureza, não agendadas, com entrevistador desconhecido, sem intermediação de pessoa/entidade de referência para o entrevistado. Essas limitações são ainda mais fortes em se tratando da faixa etária focalizada (jovens) e de populações de periferias, que convivem mais de perto com a violência e insegurança da região metropolitana. A entrevista mais longa (em torno de 40 minutos) foi a única feita com hora marcada, a partir de contato prévio.

3 - Perfil dos entrevistados

Destacam-se a seguir as variáveis básicas de caracterização dos entrevistados (v. quadro 2), comparando-os com o universo do qual foram sorteados (68 casos) e respectivas amostras (titulares e reposição – v. quadro 3). A situação e trajetória profissional, foco da pesquisa, são abordadas nos capítulos seguintes.

A caracterização e comparações a seguir mostram, em síntese:

- ligeira superestimação da população branca, devido a discrepâncias entre registros da PED e o observado nas entrevistas, havendo, no entanto, casos ilustrativos de negros e pardos;
- idade entre 16-19 anos, com equilíbrio entre as duas faixas críticas para esse tipo de estudo (maiores e menores de idade);
- escolaridade de nível médio completo ou a completar, na faixa esperada para a idade ou até avançados no contexto dos estudantes do país e da PEA;
- renda familiar média de R\$1.600,00, acima da média nacional, configurando, porém, um perfil predominante de classe média e média-baixa (com casos ilustrativos para extremos abaixo e acima dessas faixas);
- situação familiar aparentemente estável, grupos nucleares pequenos/médios, colocando todos os jovens entrevistados na condição de protegidos e assistidos.

Tais características definem um perfil “intermediário”, que exclui tanto o topo - a elite (para quem o trabalho não chega a ser problema), como a base - jovens em risco social (para os quais desemprego é mais uma entre tantas aflições, como fome, doença, violência, moradia).

Esse recorte intermediário, que exclui os extremos da desigualdade social no Brasil, pode ser mais adequado às comparações internacionais propostas. O que não significa que o grupo entrevistado seja homogêneo. Há diferenças sócio-econômicas expressivas, detalhadas a seguir, que afetam a trajetória, condições e perspectivas de inserção profissional dos jovens.

Ao mesmo tempo, esse perfil “médio” permite um aporte relativamente menos explorado na bibliografia, já que questão do trabalho/emprego jovem está, em grande parte, relacionada ao tema da pobreza e exclusão social. Há certamente pobres no grupo. Mas nenhum parece estar ou ter vivido em risco iminente de exclusão.

Sexo

Os casos estão igualmente divididos: 6 homens e 6 mulheres, equilíbrio buscado de modo a se ter um número de casos ilustrativos para ambos os sexos.

Pode-se considerar que o perfil de gênero dos casos está relativamente balanceado em face de três referências:

- o perfil do universo (68 casos), com 51% de mulheres e 49% de homens, próximo ao da população do Estado de São Paulo (cf. SEADE);
- o perfil da PEA jovem no Brasil, de 15-19 anos (8,9 milhões de pessoas, cf. PNAD-99, no qual os homens representam 60% e as mulheres, 40%);
- o perfil “médio” das amostras sorteadas, já que uma superestima a participação feminina (titular) e outra (reposição), a masculina.

Idade

Os entrevistados praticamente reproduzem o perfil do universo e das amostras, com ligeira elevação da idade esperada em função da distância em relação à época da PED.

O grupo tem, em média, 18 anos: 7 casos com 18-19 e 5 casos com 16-17 anos. Abrange, pois, situações típicas para análise da questão do emprego e desemprego dos jovens, a saber:

- o piso legal para entrada formal no mercado de trabalho – 16 anos;
- a maioridade civil que ocorre aos 18 anos;
- a época do serviço militar obrigatório para os rapazes, 17-19 anos⁶;
- a maioridade cívica aos 16 anos (direito de votar).

A PEA jovem do país mostra ligeiro predomínio da faixa de 15-17 anos (51%, contra 49% na faixa de 18-19 anos). Mas a comparação com o grupo é limitada pelo fato de a PNAD incluir o segmento de 15 anos de idade, não considerado na pesquisa (v. item 1).

Etnia/cor

O grupo tem maioria branca (9), com 2 negros e 1 pardo - um perfil que superestima a participação de brancos, em relação ao universo e amostras, que parecem mais próximos do retrato da PEA, apesar dos limites à comparação⁷.

Isso ocorre, no entanto, devido a discrepâncias em relação ao registro da PED, que possivelmente se baseia em inferências a partir da cor do informante. Foram ao todo 3 casos:

- dois sorteados como “pardos”, mas com aparência branca (apesar de mães aparentarem cor parda);
- um sorteado como pardo (aparência da mãe), mas autodefinido (de forma espontânea) como negro (único a abordar a questão do racismo na entrevista).

Posição no domicílio e na família

Como previsto no sorteio e esperado para a faixa etária, quase todos estão na condição de “filhos”; só 1 é “outro parente”, mas, para fins de análise, é tratado também como filho⁸. É o mesmo perfil do universo, 96% do qual é constituído de “filhos”.

⁶ Todo jovem é obrigado a se alistar no primeiro semestre do ano em que completa 18 anos. Cerca de 1 milhão de rapazes se alistam anualmente no país, mas apenas 10% são de fato selecionados pelo Exército (Marinha e Aeronáutica são opções mais elitizadas, mediante concursos).

⁷ Dado disponível apenas para o conjunto da PEA ocupada, de 10 aos e mais: 55% brancos, 39% pardos; 5% negros e 1% amarelos, indígenas e outros (PNAD-99). A metodologia do IBGE, no entanto, baseia-se em autoclassificação, enquanto a PED opera com o registro feito pelo entrevistador.

⁸ Acabou sendo entrevistado como “filho”, pois, embora estivesse no domicílio sorteado, no qual diz estar com frequência, fazer refeições, tem família que reside próxima e se declarou apenas “amigo”. Seu perfil corresponde ao sorteado. Outros parentes que vivem no domicílio estão em idade superior à faixa buscada (23-24 anos).

Nível de instrução

Metade dos jovens completou ou está terminando o grau médio, etapa final da educação básica no país; três atingiram o curso superior. O grupo situa-se, portanto, na faixa ideal de escolaridade, com alguns casos até avançados, em vantagem em relação à média nacional, que apresenta 3 anos de atraso escolar, em média⁹. Somente três do grupo estariam com ligeiro atraso, entre 1-2 anos¹⁰.

Há diferenças em relação ao universo e amostras da PED, já que não se previam jovens cursando o superior, mas essa ocorrência era possível, em função da defasagem entre a PED, o que também explica o relativo avanço do grupo em matéria de escolaridade.

Além de se destacarem em relação ao universo, destacam-se também em relação à força de trabalho: 60% da PEA maior de 15 anos não passa de 7 anos de estudo, o que significa que não têm sequer o fundamental, que é obrigatório desde 1972 e que, a rigor, deveria ter sido realizado por toda a população que hoje tem menos de 40 anos de idade (maioria da PEA).

Dez jovens estão estudando: dois em nível superior, um em nível técnico pós médio e os demais, cursando ou concluindo o grau médio (aprovação praticamente definida na época na entrevista). Somente duas não estudam: uma parou (por rebeldia, ao que tudo indica), mas vai retornar em 2002; outra por ter concluído a formação média/magistério em 2000, sem poder prosseguir no nível superior, como gostaria, justamente por estar desempregada.

A título de formação profissional, realizada ou em andamento, cursos de inglês e informática são os mais constantes, ambos em nível básico. Há quatro casos de nível técnico ou equivalente¹¹:

- curso de inglês de 3 anos na Cultura Inglesa, incluindo preparação para exame de proficiência – Cambridge;
- técnico de informática, de 1 ano, pós o nível médio;
- técnico em fotografia no SENAC, modular, de 1 a 1,5 ano;
- preparação para o magistério.

⁹ Levam-se 14 anos para cumprir as 11 séries de educação básica (fundamental de 8 anos + médio de 3 anos). Cf. MEC/INEP, 2000. p. 94

¹⁰ A situação de avanço ou atraso não foi explorada, porque pode haver variações expressivas em função da idade de matrícula na 1a. série do fundamental: escolas privadas admitem alunos a partir de 6 anos completos; escolas públicas, somente a partir de 6,5 ou mesmo de 7 anos completos, dependendo da oferta de vagas. Seria preciso remontar a história escolar desde o início, o que não pareceu significativo para a pesquisa, dada a relativa normalidade da situação escolar do grupo.

¹¹ Para caracterizar os cursos profissionais, utilizam-se as definições da LDB sobre os níveis de educação profissional (EP): básico (sem exigência de escolaridade, livres, sem certificação); técnico (durante ou após o curso médio, com ou sem certificação) e tecnológico (pós médio, com certificação superior).

Nível sócio-econômico

A julgar pelos padrões nacionais e mesmo pelos do Estado, o grupo estaria em situação relativamente privilegiada, com renda familiar na faixa de R\$1.600,00 (quase 9 salários mínimos, em nov/01), próxima ao que verifica no universo e na amostra de reposição (a titular tem média de R\$900, cerca de 5 SM). Entre a população brasileira, considerando os moradores de domicílios permanentes, mais de 60% têm renda familiar até 5 SM e apenas 20% passam de 10 SM (PNAD-99).

Sabe-se, no entanto, que provavelmente essa situação “privilegiada” seja o mínimo necessário para garantir moradia, alimentação, educação e saúde – em padrão básico – a uma família na área metropolitana.

Para fins analíticos, tratou-se, com base em informações e observações durante as entrevistas, completar os dados sobre renda familiar e traçar o perfil sócio-econômica do grupo, em uma aproximação à escala usualmente adotada para definir classes de consumo ou poder aquisitivo¹². Essa aproximação tomada em conta as seguintes variáveis:

- renda familiar declarada na PED (em 9 casos) e estimada nos demais (a partir de informações sobre pessoas que trabalham e respectivas ocupações);
- local da residência, que varia entre bairros tradicionais, relativamente equipados e ordenados, a entornos típicos de periferia - ocupação desordenada, precária infra-estrutura urbana (saneamento, limpeza urbana, calçamento), logradouros mal identificados (ruas sem nome, casas sem número), comércio popular;
- tipo, tamanho e condições da moradia (já que todos residem em casa própria¹³);
- bens declarados (computador) e/ou observados interna e externamente (refrigerador, microondas, som, TV, automóvel);
- aparência dos entrevistados (cor, peso, altura, pele, trajés).

Assim, embora não tenha aplicado o formulário exigido para uma caracterização precisa, pode-se situar o grupo, em maioria, na classe média e média baixa (C/D), com a seguinte distribuição:

- B = classe média alta (3 casos - Melina, Márcio, Fernanda);
- C = classe média (3 casos - Daniel, Robinson, Diego)
- D = classe média baixa (5 - Edson, Ederson, Kelly, Rosivane, Rosiléia)
- E = classe pobre (1 - Carla).

Essa classificação, embora aproximada, vai mostrar correspondência muito próxima – e dentro do esperado – com a situação e perspectivas de trabalho, analisada a seguir.

¹² Trata-se da escala da ABAP – Associação Brasileira de Pesquisa de Mercado, com posições decrescentes (A-E). As posições são definidas por uma pontuação baseada em fatores como escolaridade do chefe, renda familiar, posse e n.º de eletrodomésticos (rádio, TV, geladeira, microondas, aspirador, lava roupas, freezer, cd, vídeo), posse da moradia e n.º de banheiros no domicílio, existência de empregada doméstica mensalista. Na pesquisa, a maioria desses requisitos foi apenas inferida, pois não se aplicou o questionário exigido para cálculo preciso da pontuação.

¹³ Somente um em casa alugada, mas apenas enquanto a própria, que está sendo construída ao lado, não fica pronta.

Quadro 2: perfil dos entrevistados (síntese)

Domicílio e local	Jovem	RF – R\$ classe**	Situação escolar	Situação no mercado
2030 Vila Formosa (Capital)	Fernanda, mulher, 17 anos, branca	2,5 mil (B)	Concluindo médio. Matriculada em curso superior - Nutrição (2002)	Desocupada, procura emprego há 1 ano. Antes: bicos eventuais de separar cartas agência dos Correios, onde irmã trabalha.
5573 Santana Capital	Robinson, homem, 18 anos, branco	900 (2 mil) (C)	Médio concluído em 2000. Cursa: técnico em informática – nível básico (escola privada)	Trabalho regular há 1 ano: entrega costuras em confecção da mãe, ganha R\$200/mês, sem registro em carteira. Deixa CV na Internet (no curso que faz). Antes: procurou emprego a partir de 16 anos (banco, loja calçados, supermercado).
6446 Santo André (ABC)	Márcio, homem, 19 anos, branco	2,4 mil (3 mil) (B)	Passou para 2º ano de curso superior – Turismo (USP)	Trabalho regular desde 14 anos: caixa e balconista na lanchonete do pai, registrado. Antes: mesmo trabalho (eventual) na infância. Nunca procurou trabalho
7095 Vila Formosa Capital	Daniel, homem, 18 anos, branco	2 mil (C)	Cursando médio (2ª série em 2002)	Trabalho regular há 3 meses: cobrador em cooperativa de cobranças, R\$ 250,00 mensais, sem registro (prestador de serviço). Antes: office boy registrado (+ de 1,5 ano) e bicos com amigos/familiares (desde 5-6 anos). Não procura trabalho, mas já procurou.
11525 Vila Curuçá Capital	Diego, homem, 18 anos, branco	(2 mil) (C)	Concluindo médio. Cursa: inglês na Cultura Inglesa (escola privada)	Trabalho regular há 1 ano: assa/vende churrasco em barraca do pai e tio, em estação do metrô, ganho médio de R\$400/mês. Antes: bicos com pai e tio (desde 14 anos). Não procura emprego, mas já procurou.
13802 Santo André (ABC)	Melina, mulher, 18 anos, branca	2 mil (2,5-3 mil) (B)	Passou para 2º ano de Faculdade de Psicologia	Procura estágio do curso: 6 meses. Trabalho: bicos de fotografia, vídeo, artesanato. Antes: bico no restaurante/bufê da família desde 10-11 anos de idade.
20015 Arujá (GSP)	Ederson, homem, 16 anos, branco*	(800) (D)	Cursando médio (3ª série em 2002) Cursa: informática básica (particular)	Procura emprego: 2 anos. Trabalho: bicos de digitação de currículos e trabalhos escolares, há 1 ano, em casa (tem computador comprado de 2a. mão).
20308 Osasco (GSP)	Kelly, mulher, 19 anos, parda	600 (D)	Médio-técnico concluído em 2000 (Magistério).	Procura emprego há + de 1 ano. Trabalho: bico - babá de sobrinhos e vizinhos. Antes: estágio prático do curso em 2000 e bicos de balconista (floricultura, papelaria).
20984 São Caetano (ABC)	Carla, mulher, 19 anos, negra	(500) (E)	Concluindo médio (3ª série).	Desempregada há 2 meses. Antes: empregada doméstica com registro em carteira (1,5 ano) e bicos de ajudante de restaurante, mercado (a partir de 14 anos). Vai iniciar procura de emprego (fim de ano).
21397 Ferraz Vasconc. (GSP)	Edson, homem, 18 anos, negro*	1,2 mil (D)	Concluindo médio (3ª série)	Desocupado, procura emprego há + de 1 ano. Antes: bicos de distribuição de folhetos na rua, ajudante em empresa de mudanças, correios e office boy.
26839 Carapicuíba	Rosivane, mulher, 16 anos, branca	1,7 mil (D)	Concluindo fundamental (inicia médio em 2002).	Trabalho regular há 4 meses: babá, R\$100/mês, sem registro. Primeiro trabalho. Antes: tarefas domésticas em casa. Nunca procurou emprego.
30690 Pq. São Domingos Capital	Rosiléia, mulher, 17 anos, branca*	(1,5 mil) (D)	Médio incompleto (1a. série) (Parou em 2001, retorna em 2002)	Trabalho: bico com o pai em barraca de feira e com mãe, em casa - babá (criança da vizinha) e tarefas domésticas. Procura emprego: 3 meses

* Discrepâncias em relação ao registro da PED (v. explicação no texto)

** Dados da PED. Letras e cifras entre parênteses são estimativas (v. explicação no texto).

Quadro 3
Perfil do universo (PED) X amostras (titular, reposição) X entrevistados

Variáveis	Indicadores	“Universo” PED 2001 n = 68	Amostra titular n = 12	Amostra repos. n = 12	Entrevista- dos n=12
Sexo	Masculino	33	3	7	6
	Feminino	35	9	5	6
Idade (anos)	média	17,7	17,7	17,5	17,9
	mediana	17	17	16,5	17,5
	moda	17	17	16	18
Posição no domicílio/ família	Chefe	1	1	-	-
	Cônjuge	1	-	-	-
	Filho	63	11	11	11
	Outro parente	3	1	1	1
Etnia/cor	Branca	37	6	6	8
	Preta	7	1	1	2
	Parda	24	5	5	2
Nível de instrução	Fundamental completo	13	3	2	1
	Médio incompleto	39	6	7	2
	Médio completo**	16	3	3	7
	Superior incompleto				2
Situação ocupacional	Desemp. oculto - trab. precário	68	12	12	-
	▪ Trabalho regular + estudo	-	-	-	5
	▪ Bicos + estudo + proc. trabalho	-	-	-	4
	▪ Estudo + procura trabalho***	-	-	-	3
Situação ocupacional anterior	Nunca trabalhou	68	12	12	2
	▪ Trabalho regular	-	-	-	4
	▪ Bicos, trabalho doméstico	-	-	-	6
Tempo procura de trabalho* (semanas)	média	46	25	50	58
	mediana	26	9	26	54
	moda	9	9	26	54
	não procura trabalho	-	-	-	4
Renda familiar* (R\$)	média	1.482	902	1703	1.600
	mediana	1.216	865	1972	1.700
	moda (menor valor)	1.244	0	221	2.000
		(40 casos)	(9 casos)	(7 casos)	(12 casos)

* Estimativas no caso das entrevistas (v. explicações no texto).

** Considerou-se como médio completo os que estão concluindo 3a. série em 2001 (novembro).

*** Inclui 1 caso que vai iniciar procura neste final de ano.

Nota: a conceituação de “trabalho regular” e “bicos” aparece no capítulo “Trabalho: situação atual”, a seguir.

II – SITUAÇÃO E TRAJETÓRIAS

1. Trabalho: situação atual

A situação e forma de inserção atual é classificada, para fins analíticos, em três níveis (v. quadros 4-A,B,C a seguir):

- A - trabalham regularmente, ou seja, têm jornadas diárias, em tempo integral, com ganhos fixos ou previsíveis, com ou sem proteção social; todos estudam e não procuram trabalho (5 casos);
- B - trabalham eventualmente, ou seja, fazem bicos de curta duração que aparecem ou conseguem, sem periodicidade nem ganhos definidos, enquanto procuram trabalho; (4 casos, 2 estudam);
- C – não trabalham e procuram (ou vão procurar) (3 casos); todos estudam.

Grupo A (*Márcio, Daniel, Diego, Robinson, Rosivane*)

Todos nesse grupo se declaram trabalhando, e não mencionam, espontânea nem estimuladamente, ações de busca ativa de trabalho, paralelamente ao atual. Duas possíveis exceções, mas bem peculiares: Márcio prestou concurso e foi aprovado (deve assumir posto em 2002) e Robinson mantém seu currículo na Internet, na escola onde estuda informática, por iniciativa do irmão mais velho, instrutor da escola.

Pode-se considerar que estão ocupados “regularmente” porque se trata de jornadas diárias, em torno de 8 horas por dia (40 horas semanais), com funções definidas e ganhos fixos ou previsíveis. Os rapazes do grupo, todos na faixa de 18-19 anos, já estão quites com o serviço militar (dispensados).

Isto não significa que sejam definitivas. Tais ocupações são vistas, pelos jovens, implícita ou explicitamente, como transitórias, enquanto estudam e definem carreiras e não encontram algo melhor. Robinson explicita que seu trabalho não passa de “bico”, por não ser registrado nem “*ter futuro*”.

De fato, trata-se de empregos tipicamente iniciais, de entrada no mercado de trabalho, quase todos sem registro em carteira, o que não surpreende no país do informal¹⁴. As ocupações encontradas são de cobrador em cooperativa, entregador de confecções, auxiliar na barraca de churrasco do pai e tio, babá, auxiliar na lanchonete do pai.

Fica evidente que trabalham em contexto familiar, subordinados a pais, parentes ou amigos, em negócios pequenos, sem vivenciar relações de trabalho mais duras ou hostis. Como explica Márcio, “*pais pegam leve...é diferente*”.

¹⁴ Segundo a PNAD-99, 56% da PEA ocupada não contribui para instituto de previdência (público nem privado) e 47% dos empregados não têm registro em carteira profissional. Quando se trata da PEA jovem, de 15-19 anos, esses percentuais passam a 64% (sem contribuição previdência) e 54%, respectivamente.

Essa condição, por si, explica a forma como foram obtidas as ocupações e também, quando necessário, a relativa flexibilidade para conciliar escola e trabalho (todos nesse grupo estudam).

Daniel é o único que, em tese, enfrenta um cotidiano menos amigável, não tanto pelo tipo de empresa, mas sim pela natureza do que faz (cobrar dívidas atrasadas). Trabalha em uma pequena cooperativa de serviços, onde tem conhecidos (obteve por indicação de amigo) e se sente satisfeito, por ora, apesar da desproteção trabalhista¹⁵.

Estariam, relativamente aos demais entrevistados e à própria faixa etária, em situação mais favorável no mercado de trabalho, visto que têm trabalho e são remunerados. Apesar da informalidade, quase todos ganham mais que o salário mínimo (R\$180,00 em nov/01). Diego, que declara ganho de R\$400,00¹⁶ é exceção nesse quadro e, possivelmente, entre universo da PEA jovem, mesmo na área metropolitana.

Sem surpresa, que este é um grupo masculino e branco. Rosivane, única mulher no grupo, também branca, está em situação mais precária: trabalha mais de 8 horas por dia e não chega a ganhar salário mínimo. Este é seu primeiro trabalho, arranjado pela mãe, e nunca procurou outro.

Grupo B (*Kelly, Melina, Rosileide, Ederson*)

Com maioria feminina (apenas um homem), o grupo inclui trabalhadoras eventuais, sem periodicidade, jornada nem ganhos definidos – fazem “bicos”, em suma. Nem sempre recebem em dinheiro, às vezes são pagos em espécie, como roupas, calçados.

No início das entrevistas, declaram-se desocupados ou apenas estudando (Melina e Rosileide, pois Kelly concluiu o médio e Rosileide parou temporariamente). Todas procuram emprego há um ano ou mais. A ocorrência dos “bicos” vai surgindo aos poucos, de forma estimulada, puxada de informações soltas ao longo da conversa. No caso das mulheres, como é costume, tarefas domésticas não são computadas como trabalho (mesmo que façam parte da rotina diária).

Quanto aos “bicos”, trata-se, à semelhança do grupo A, de ocupações ainda menos definidas ou definitivas, também exercidas em contextos de relações familiares, escolares e/ou de vizinhança, tais como: digitação de currículos e trabalhos escolares, ajuda a pai em barraca de feira e à mãe no cuidado de criança de vizinho, babá de sobrinhos e vizinhos, artesanato “hippie” (toucas, pulseirinhas).

¹⁵ Cooperativas de serviços têm proliferado nos últimos 10 anos, como forma de reduzir impostos e encargos sociais e trabalhistas. Algumas asseguram proteção social mínima (seguro de vida e, às vezes, contribuição previdenciária como autônomos), mas sem benefícios da legislação trabalhista (férias, 13º, fundo de garantia, etc.).

¹⁶ Bem prováveis, dada a natureza do negócio – venda de churrasquinho em uma das maiores estações do metrô da zona leste – Artur Alvim). Esse tipo de “informal” pode ser bastante lucrativo na área metropolitana. O “Black Dog”, carrinho de hot dog que se tornou famoso na Av. Paulista, acaba de se estabelecer em um ponto comercial da chamada “prainha da Paulista”, um dos mais movimentados da região.

Melina, que faz o artesanato, tem eventualmente uma atividade que pode se tornar profissão - produção de vídeos e fotografia - mas que para ela é “bico”, já que seus planos são outros (faz faculdade de psicologia).

Suas trajetórias não revelam mudança expressiva: todos vêm de experiências de trabalho também eventual, nas mesmas condições atuais. Esta é sua primeira ou única inserção desde a idade legal para o trabalho. Ainda não experimentaram trabalho regular, mesmo em ocupações iniciais, como o grupo A. Kelly seria exceção, por ter trabalhado um ano em escolas, a título de estágio prático do curso de magistério; trata-se, porém, de etapa obrigatória do curso, que não chega a caracterizar nem garantir inserção profissional - tanto que, terminado o estágio, ela nunca mais conseguiu exercer a profissão¹⁷.

Grupo C (*Carla, Edson, Fernanda*)

Totalmente desocupados, sem qualquer tipo de “bico” e procurando trabalho com mais intensidade neste final de ano (ou com planos de começar a procura). Inclui, sem surpresa, os dois jovens negros (Carla e Edson).

Vivenciaram apenas bicos de curtíssima duração (dias ou máximo de 3 meses), exceto Carla, negra, que foi empregada doméstica, registrada em carteira, por um ano e meio, mas foi despedida há 2 meses, por problemas econômicos da dona de casa que a empregava.

Carla vive situação de aperto financeiro diz que “vai começar a procurar”. Teve oferta recente, para trabalhar com a mãe, na padaria próxima. Mas não aceitou porque, apesar do salário (cerca de R\$400/mês), não tem folga semanal (ou desconta R\$25/dia, caso a pessoa falte). Para ela, a folga é essencial, para cuidados pessoais e domésticos (cabelo, lavar roupas) e ir à igreja (é evangélica).

Os outros estão procurando mais intensamente nos últimos meses, seja para aproveitar ofertas de fim de ano, seja por contingências pessoais:

- Edson porque, depois de obter o certificado de reservista (sem o qual não adianta procurar), sente certa pressão velada da família, para que se empenhe em conseguir alguma coisa, pois já está na idade para isso (e ele gostaria de ajudar a família, além de ter seu próprio dinheiro);
- Fernanda porque já passou no vestibular e quer mais independência; o pai dá tudo que precisa, mas quer ter o próprio dinheiro e ajudar a pagar a faculdade que vai começar em 2002.

¹⁷ A LDB definiu, a partir de 1996, exigência de grau superior para professores de ensino básico, admitindo grau médio em caráter transitório, apenas para a pré-escola e quatro séries iniciais do ensino fundamental (art. 62). Foi dado um prazo para adaptação do professorado em exercício, mas o novo requisito passou a ser aplicado a novas contratações. Kelly fez o curso já sob a nova LDB, ou seja, já com restrições para o exercício profissional, a menos que continuasse em nível superior. Além disso, o curso de preparação para o magistério, desde seus primórdios, nos anos 70, é visto, por especialistas, como substituição precária do antigo curso normal, que oferecia essa preparação. Tornou-se alternativa para jovens de baixa renda e formação escolar precária, que não conseguiam ingressar em cursos técnicos mais concorridos e valorizados pelo mercado de trabalho (Escola Técnica Federal, Senai, Senac).

**Quadro 4-A: situação e trajetória ocupacional:
trabalham regularmente, não procuram trabalho**

Caso	Ocupação em nov/2001	Situação/ocupação anterior
5573 Robinson homem 18 anos* branco	Entregador de roupas em confecção da mãe, há 1 ano, sem registro em carteira, salário R\$200/mês, jornada diária de 8 horas, 2a. a 6a. feira. (Noite: curso técnico de computação; médio concluído em 2000)	Não trabalhou antes. Procurou emprego a partir de 16 anos (77 semanas cf. PED fev/01) em banco, loja de calçados, supermercado. Irmão colocou seu CV na Internet (na escola onde faz curso).
6446 Márcio homem 19 anos* branco	Caixa/balconista em lanchonete dos pais, há 5 anos, registrado com SM (R\$180 +mesada), jornada diária de 8 horas (flexível), 2a. a 6a. feira. (Noite: curso superior de turismo e espanhol)	A mesma desde 14 anos de idade. Infância: ajuda eventual na lanchonete do pai (horários livres da escola). Nunca procurou emprego (51 semanas de procura cf. PED fev/01).
7095 Daniel homem 18 anos* branco	Cobrador em cooperativa de cobrança, há 3 meses, 40 horas semanais, salário R\$250/mês + ajuda de custo para condução, sem registro em carteira (indicado por amigo). (Noite: cursa médio – passou para 2a. série)	Desempregado por 4-5 meses (4 semanas de procura cf. PED fev/01). Office boy em escritório por + de 1,5 ano, registrado, indicado pelo tio (saiu por causa do baixo salário e falta de perspectivas). Bicos: chaveiro, embalador doces, ajudante de usinagem, com parentes ou colegas (desde 14 anos). Infância: ajuda aos pais em barraca de feira (hortifruti) desde 5-6 anos de idade
11525 Diego* homem 18 anos branco	Assador/caixa em barraca de churrasquinho do pai e tio, negócio informal em estação do metrô, há 1 ano, ganho médio R\$400/mês, jornada de 15-19 h de 2a. a 6a. e 12-20 h no sábado. (Manhã: cursa médio – 3a. série e noite: inglês, 2 vezes/semana).	Bicos: ajudante pedreiro, eletricista com pai e tio (desde 14 anos). Procurou emprego a partir de 16 anos (51 semanas de procura cf. PED mar/01): office boy, auxiliar escritório, aprendiz de lapidação. Não procura atualmente.
26839 Rosivane mulher 16 anos branca	Babá de filho da prima há 4 meses, 7-18 h, 2a. a 6a., salário R\$100/mês, sem registro (trabalho arrumado pela mãe). (Noite: curso fundamental – 8a. série).	Somente tarefas domésticas (ajuda à mãe). Nunca procurou emprego (9 semanas cf. PED jul/01).

* Têm certificado de reservista, liberados do serviço militar

**Quadro 4-B: situação e trajetória ocupacional:
trabalham eventualmente (bicos) e procuram trabalho**

Caso	Ocupação principal em 2001	Ocupação anterior ou principal	Procura: tempo, ocupação aceita (A) e/ou preferida (P)
13802 Melina mulher 18 anos branca	Produção de vídeos e fotografia com amigos; artesanato próprio (toucas, pulseirinhas); ganho variável, para despesas pessoais “supérfluas” (lazer). (Noite: curso superior de Psicologia)	Bico: ajudante no restaurante da família e, antes, no bufê do pai e avô, preparo de bandejas para festas, organização de documentos (desde 10-11 anos de idade), ganhos variáveis ou simbólicos	Procura estágio: 2º semestre 2001; inscrita no CIEE e cadastro na Internet (9 semanas cf. PED abr/01). A/P: estágio na área do curso (Psicologia) Antes (16-17 anos): procura esporádica em lojas e shoppings da região
20015 Ederson homem 16 anos branco	Digitação de trabalhos escolares, currículos em computador próprio, para amigos/colegas da escola, ganho médio de R\$20-30,00/mês, há 1 ano (Manhã: cursa médio) (Noite: informática, 1 vez/semana)	Bico: carga/descarga de caminhão do tio (esporádico, entre 14-15 anos)	Procura há 2 anos, desde 15 anos de idade (51 semanas cf. PED jun/01): envia CVs a empresas e pôs na Internet, via escola, há uma semana A/P: área de informática
20308 Kelly mulher 19 anos parda	Babá para irmãs, amigas, vizinhas, ganho variável em dinheiro ou presentes (roupas, calçado, lazer), há um ano (Não estuda)	Estágio prático do curso de prep. para magistério (1 ano, 2 vezes/semana), bolsa de 1 SM), em escolas da região Bicos: babá, ajudante floricultura, papelaria (amigos e familiares)	Procura desde que se formou em 2000 (26 semanas cf. PED jun/01): fez 2 concursos, distribui CV, pediu indicações a políticos, inscrita na Frente de Trabalho e Centro de Solidariedade do município* A: balconista, caixa, atendente (comércio ou serviços) P: Professora de ensino fundamental
30690 Rosiléia mulher 17 anos branca	Ajuda pai na barraca de feira (roupas), em finais de semana Ajuda diária à mãe em casa (babá de criança vizinha) e serviços doméstico Ganho em roupas e dinheiro (quando pede). (Não estuda)	Ajuda o pai na feira e mãe em casa desde 15 anos de idade. Bico: dobrar roupas em confecção, com a prima (2 semanas, em 1999).	Procura esporádica desde 16 anos (3 semanas cf. PED ago/01): deixa CV/faz ficha em firmas da região. A: Balconista, caixa, atendente (comércio ou serviços) B: Costureira overlock (aprendiz) ou telefonista

* Serviços públicos de intermediação, financiados pelo FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador

**Quadro 4-C: situação e trajetória ocupacional:
não trabalham (nem bicos) e procuram ou vão procurar trabalho**

Caso	Ocupações que já teve	Procura: tempo e ocupação procurada (P)
2030 Fernanda mulher 17 anos branca	Bico: separar cartas em agência de Correios onde irmã trabalha, R\$20,00/dia (1 mês trabalhado, 2 vezes) Antes: mesmo trabalho em empresa de mala direta (1 mês)	Procura desde 16 anos (1 vez por semana), intensificada no final de ano (26 semanas cf. PED jan/01): entrega CV em agências do centro e bairros próximos, e lojas da região (+ de 100 CV distribuídos em 2001). P: atendente, recepcionista, telefonista (comércio/serviços)
20984 Carla mulher 19 anos negra	Empregada doméstica, por 1,5 ano, registrada com SM, indicada por colega da igreja (despedida há 2 meses por problema financeiro da empregadora). Antes: bicos de curta duração (babá, ajudante de cozinha, cortadora de frios em mercadinho), somando máximo de 2 anos de trabalho entre 14-18 anos de idade).	Não procura, mas vai começar logo: ver ofertas de fim de ano em empresas da região. P: ajuda temporária em indústria, comércio, serviços da região.
21397 Edson homem 18 anos* negro	Bico: distribuir panfletos de propaganda de cabeleireiro afro, na rua 24 de Maio, centro da Capital, ganho de R\$40,00/semana, via contato com "tribos" da Galeria 24 de Maio (3 meses). Antes: bicos de curta duração (dias), em agência de correios, empresa de mudanças (entregas, carga, descarga)	Procura esporádica desde 16 anos, intensificada a partir dos 18 (9 semanas cf. PED jun/01): faz fichas em agências do centro e Liberdade, sai ver ofertas na Galeria 24 de Maio**. Inscrito na Frente de Trabalho do Município há uma semana. P: ajudante geral, office boy, entregador (comércio e serviços da região).

* Tem certificado de reservista, dispensado do serviço militar.

** Conhecida por abrigar "tribos" variadas de jovens (rappers, clubs, punks, serviços de tatuagem, piercing etc.).

2 - Os efeitos do desemprego

Entre os 12 casos, apenas dois declaram nunca ter procurado trabalho, nem vivenciado as dificuldades dessa procura e efeitos do desemprego: Márcio diz sempre ter trabalhado e Rosivane está em seu primeiro emprego.

Entre os outros 10, três estão trabalhando, mas já enfrentaram a procura de trabalho. Suas expressões revelam a natural ansiedade para se inserir no mercado de trabalho, mas sem aflições e privações mais agudas, por vários fatores:

- participam de núcleos familiares relativamente estáveis e organizados, sem enfrentar privação aguda de necessidades básicas: moradia, alimentação, escola, transporte e vestuário estão garantidos, apesar das diferenças de poder aquisitivo;
- contam com a compreensão e complacência de pais e irmãos mais velhos, que os alentam na procura de trabalho, dizendo que devem ter paciência, não se desesperar, vão acabar conseguindo algo;
- percebem claramente sua situação como regra – e não exceção – para a maioria dos colegas do bairro, da escola, da igreja;
- entendem que o desemprego é problema geral do país, mesmo para pessoas mais velhas, experientes e qualificadas.

Fernando resume bem a posição geral diante do desemprego: “*é chato, né?*” – algo que perturba, preocupa, mas não implica perda ou privação. As exceções aparecem em dois casos, Carla e Kelly, mulheres negras¹⁸, na faixa de 19 anos, para quem o desemprego

“é terrível, é frustrante, é uma barra!”.

Efeitos sobre o nível de vida

Não há registro de efeitos significativos, na maioria dos casos, visto se tratar de um grupo “assistido” pela família, cuja situação parece ter se mantido ou até melhorado desde a infância. Isso ocorre mesmo nas famílias mais pobres, à medida que irmãos mais velhos se casam, começam a trabalhar e aliviam as despesas familiares e/ou contribuem em casa. Fernanda explica:

“a maioria das coisas assim meu pai me ajuda, no que eu quero ele faz um esforcinho e sempre dá”.

Carla é exceção, pois seu desemprego, somado à prisão de irmão mais velho (por roubo), deixou a mãe praticamente como única fonte de renda familiar (um irmão trabalha, mas

“não ajuda nada... muita falta de dinheiro. Você precisa comprar alguma coisa, aí tem que, sei lá, esperar minha mãe receber”.

Nem ela, contudo, explicita privação mais aguda, pois o que mais lhe falta é

“... roupa... sou vidrada em roupa... e outras coisas que mulher precisa, né? ... creme, xampu, ... essas coisinhas assim...”

Desse modo, as limitações que aparecem, geralmente de forma estimulada, abrangem principalmente três itens, afetando sobretudo os jovens que vivem em famílias das classes D/E:

¹⁸ Kelly tem aparência parda, mas é sem dúvida de etnia negra.

- o consumo chamado “supérfluo” - mas essencial nessa idade – de roupas, calçados, cosméticos, CDs (Carla, Rosiléia, Melina);
- lazer – viagens, excursões, cinema, bares, lanchonetes, shows (Melina, Ederson, Carla, Edson). No caso dos evangélicos (Ederson, Carla), essa restrição é parcialmente compensada pelas alternativas que a congregação oferece, gratuitas ou baratas;
- estudo – poder pagar faculdade e/ou mais e melhores cursos profissionais (Ederson, Kelly, Edson).

No caso de famílias com melhor condição econômica, a limitação ocorre por uma questão de princípios. Melina, por exemplo, declara (e sua mãe confirma), que a norma da família é assegurar o “básico” (estudo, alimentação, saúde, vestuário, cabendo a cada filha (há mais uma irmã) batalhar pelo “supérfluo”, segundo manda a antiga e eficaz ética protestante (a família tem raízes metodistas).

Sobre a organização da vida cotidiana e sua rotina

Entre os desocupados, ninguém, salvo Carla, experimentou um cotidiano de trabalho regular, estável. Por isso, os efeitos também são pouco expressivos nesta dimensão.

Como se espera nessa idade, a maioria tem a vida organizada em torno do eixo “estudo” (incluindo cursos profissionais e realização de trabalhos escolares). Para quem trabalha com regularidade, a prioridade é o estudo; é preciso se organizar de modo a não prejudicar a escola (o que deve ser verdade, dada sua situação regular ou até adiantada, com poucas exceções.)

O tempo que “sobra” é dedicado a deveres domésticos (as mulheres, salvo Ederson que ajuda a mãe), atividades da igreja (Carla e Ederson, evangélicos) e bicos que arrumam ou aparecem, além do lazer, concentrado nos fins de semana.

Mesmos os desempregados, portanto, são relativamente “ocupados” - confirmando o que a maioria declarou, ao iniciar a entrevista. Os dias úteis são quase totalmente preenchidos (manhã, tarde e/ou noite) e resta o fim de semana para descanso, lazer e, se necessário, mais estudo (v. quadro 5). O que corrobora afirmações dos pais, de que são “bons filhos, responsáveis”, corpos e mentes orientados para não se tornar “oficinas do diabo”:

“Nós, adultos, nós temos mais nossa mente ocupada. Mas os jovens, eles não têm tanto a mente ocupada. E falta de emprego desocupa mais, tem um ditado assim que o pessoal fala – mente vazia, cabeça do diabo – Então a gente tem que tomar cuidado... eu sou muito zelosa nesse ponto” (mãe do Ederson).

Carla e Edson, ambos negros e pobres, são os que mostram indícios de relativa “desorganização” da vida cotidiana: Carla, desde que perdeu o emprego, diz que dorme demais, levanta tarde (de fato, foi acordada, pela tia, para a entrevista, por volta de 10 horas da manhã); Edson, segundo a mãe, fica jogando bola ou circulando no bairro (para a entrevista, foi chamado pela irmã, a pedido da mãe).

Sobre os círculos de relações familiares e sociais

As famílias não pressionam, não cobram. Ao contrário, mesmo as mais pobres, apoiam e até consolam os jovens nas suas buscas frustradas de trabalho, em especial as filhas:

“Ela (a mãe) até fala - fica aí em casa, fica tranqüila - ”(Carla).

“A família nem cobra tanto... eles até falam - é até bom que você tá descansando um pouco - ” (Kelly).

O fato de se empenhar na procura parece pesar a favor dos jovens, no contexto familiar, atenuando sua ansiedade:

...eu sou muito sossegada... eu acho que o que acontece tem que acontecer e se não aconteceu ainda é porque não tinha que acontecer... então tô procurando, quando vier, veio... mas como sei que tô procurando, isso já diminui a pena (culpa?) de não ter... (Melina)

Com os homens a família pode ser um pouco mais exigente, sobretudo a partir dos 18 anos, como no caso de Edson, que menciona, sob estímulo, a recente pressão dos pais:

“começou agora, porque eu catei a reservista... enquanto tava na fase do exército, eles não falavam nada... (agora) eles fala ‘é, vai na cidade, vê se você consegue alguma coisa, quem sabe você dá uma sorte, não sei quê...”

O problema maior, para os jovens, é ter que pedir dinheiro para as mínimas coisas:

“eu quero tomar um sorvete, eu tenho que pedir pro meu pai ou pedir pra alguém me dar” (Kelly).

O constrangimento vem tanto da “ética do trabalho e da responsabilidade” que orienta educação de Melina, como da culpa em ficar pedindo mais para os pais e mães que já lutam e vivem no aperto financeiro, no caso dos mais pobres (Ederson, Edson, Carla).

O desemprego também não chega a afetar nem reduzir o círculo de amigos, formado predominantemente pelos colegas da escola e/ou do bairro, porque a maioria está na mesma situação:

“a maioria deles desempregados, igual eu, procurando... uma já é maior de idade e também não consegue...” (Fernanda).

“Tem uns colega ali da sala (escola) mesmo que inscreveram pras frente de trabalho... também falou que tá difícil também” (Edson).

De modo geral, inclusive os que trabalham, gastam pouco para se divertir: shows públicos, cinema de bairro/periferia (mais barato que os do centro), comida de lanchonete, passeio em shopping (como a maioria dos paulistanos), clubes públicos (prefeitura, Sesc), assistir vídeo e TV em casa ou na de colegas, visitar parentes em bairros/municípios vizinhos.

Todavia, para as duas mulheres negras, ambas maiores de idade, o desemprego acarretou e continua acarretando perdas sociais e afetivas bem marcadas:

- Carla “sai de fininho” quando os amigos se juntam para ir à lanchonete, depois do culto na igreja, pois não pode participar do rateio e tem vergonha de pedir. Também desmanchou o namoro de sete meses por razão semelhante (agravada pelo fato de o namorado ser “mão de vaca”, além de “muito fechado”);

- Kelly pretendia se casar em 2001, mas resolveu adiar. O noivo trabalha e poderia garantir o sustento do casal, mas ela não quer começar a vida com aperto e/ou dependência do marido.

Quadro 5: a organização da vida cotidiana/semanal

Jovem	Manhã	Tarde	Noite	Sábado	Domingo
-------	-------	-------	-------	--------	---------

Grupo A – trabalha regularmente

6446 Márcio	trabalho regular	trabalho regular	trabalho regular	trabalho regular	lazer/descanso
5573 Robinson	trabalho regular	trabalho regular	trabalho regular	lazer/descanso	lazer/descanso
7095 Daniel	trabalho regular	trabalho regular	trabalho regular	trabalho regular	lazer/descanso
11525 Diego	trabalho regular	trabalho regular	trabalho regular	trabalho regular	lazer/descanso
26839 Rosivane	trabalho regular	trabalho regular	trabalho regular	trabalho regular	lazer/descanso

Grupo B – trabalha eventualmente (bicos) e procura trabalho

20308 Kelly	trabalho eventual - bico	trabalho eventual - bico	lazer/descanso	lazer/descanso	lazer/descanso
13802 Melina	trabalho eventual - bico	trabalho eventual - bico	trabalho eventual - bico	trabalho eventual - bico	lazer/descanso
20015 Ederson	trabalho eventual - bico	trabalho eventual - bico	trabalho eventual - bico	lazer/descanso	trabalho eventual - bico
30690 Rosiléia	trabalho eventual - bico	trabalho eventual - bico	lazer/descanso	trabalho eventual - bico	lazer/descanso

Grupo C – Não trabalha e procura ou vai procurar trabalho

20984 Carla	lazer/descanso	trabalho eventual - bico	trabalho eventual - bico	lazer/descanso	trabalho eventual - bico
21397 Edson	lazer/descanso	lazer/descanso	trabalho eventual - bico	lazer/descanso	lazer/descanso
2030 Fernanda	trabalho eventual - bico	trabalho eventual - bico	trabalho eventual - bico	lazer/descanso	lazer/descanso

Legenda

trabalho regular	deveres escolares, em casa
escola/curso profissional	lazer/descanso
trabalho eventual - bico	igreja
trabalho doméstico	vago

3 - Formas de procura de trabalho

Entre os 12 casos, 7 estão procurando e 3 já procuraram trabalho. As considerações seguintes, portanto, baseiam-se nesses 10 casos.

Iniciativas e mecanismos

A procura começa, em quase todos os casos, por iniciativa própria, após completar 16 anos (limite mínimo legal desde 1999). Entre os que têm 19 anos e poderiam ter trabalhado a partir dos 14 (limite anterior), somente Carla chegou a procurar emprego (Márcio nunca procurou trabalho e Kelly estudava em período integral).

A prática é procurar de forma assistemática, nos intervalos do tempo de escola/estudo – os eixos de organização da vida, como visto – uma ou duas vezes por semana. Em finais de ano (como na época da época da pesquisa), a busca se intensifica, aproveitando a conjuntura de férias escolares e maior oferta de trabalho temporário no comércio e serviços, justamente do tipo a que podem aspirar, como ajudante em vendas, caixa, entregas, pacotes, embalagens e similares.

Uma diferença de gênero: entre as mulheres, a prática é ir em duplas, com amiga da escola ou da vizinhança, buscando ou não as mesmas vagas - uma forma de apoio e segurança mútua. Os homens tendem a se aventurar sozinhos, possível traço de “machismo”?

Os mecanismos mais adotados para procurar trabalho são:

- pedir/seguir indicações a parentes, amigos e conhecidos: todos adotam e é a que dá mais resultado, a julgar pelos que trabalham ou já conseguiram trabalho;
- circular nos arredores para ver anúncios nas portas de estabelecimentos comerciais ou industriais, preenchendo fichas e/ou deixando currículos (todos adotam);
- preencher ficha e/ou entregar currículos em agências de emprego: todos fazem ou fizeram (Fernanda diz ter distribuído “mais de 100 currículos” dessa forma e da anterior). São mais procuradas as agências do centro da Capital – onde se concentram – e em bairros próximos ou de fácil acesso pelo metrô (Tatuapé, Liberdade, para quem vive na zona leste);
- colocar currículo ou fazer cadastro na Internet - Melina e Diego, que têm computador, fizeram por iniciativa própria; Ederson tem computador, mas a iniciativa foi do grêmio escolar, que resolveu intermediar os alunos junto a prefeituras da região; Robinson não tem, mas o irmão inseriu o currículo por meio da escola de informática onde trabalha (e onde Robinson estuda);
- jornais – alternativa menos procurada, nunca dá resultado, segundo os jovens, pelo fato de trazer ofertas em lugares distantes de onde moram e que exigem experiência – defeitos que valem tanto para os de maior circulação como para os jornais de bairro (Robinson, Carla, Melina, Edson);
- inscrever-se em programas/projetos públicos – frentes de trabalho, centros de solidariedade (Kelly, Edson);

- pedir indicações nos círculos da igreja, no caso dos evangélicos (Carla e Ederson);
- contatos diretos ou indiretos com pessoas influentes (Kelly, que procurou vereadores e deputados para conseguir emprego como professora e Robinson, que se valeu da tia para encaminhar currículo ao “dono” de um grande banco.

Justificativas: as principais dificuldades

Os principais obstáculos que enfrentam ou enfrentaram nessa busca são velhos conhecidos: falta de experiência (registrada em carteira) e/ou ser menor de 18 anos – idade que, para os homens, inclui estar quite com o serviço militar¹⁹.

Três jovens chegam a explicitar a perda concreta de oportunidades, por causa desses fatores:

- Melina (quando era menor) e Fernanda foram chamadas para entrevista em loja de shopping, mas dispensadas por serem menores de idade (a despeito da escolaridade, desembaraço e “boa aparência”);
- Diego (quando era menor) foi indicado, pela tia, para vaga de aprendiz de lapidação na H. Stern, com direito a registro em carteira; passou nos testes mas não pôde apresentar o ter o certificado de reservista; pelo mesmo motivo, perdeu emprego em escritório de empresa canadense, no aeroporto, que o chamou por seus conhecimentos de inglês.

De fato, o limite legal define, desde logo, uma barreira à contratação formal de jovens (não impedindo, por certo, trabalho informal, precário, desde a infância²⁰). Na prática, todavia, independente da legislação, a idade de entrada formal ou regular no mercado de trabalho vem se elevando, por uma série de fatores:

- redução da oferta de empregos e maior seletividade das empresas para contratação (experiência, escolaridade, serviço militar completo no caso dos rapazes);
- modernização tecnológica, criando postos que implicam manejo de equipamentos mais frágeis, custosos, para cuja manejo se requer, além da competência técnica, responsabilidade, iniciativa, maturidade;
- exigência de escolaridade fundamental ou até média completa, para a maioria das ocupações, mesmo as consideradas mais “simples” ou iniciais, no comércio e serviços;
- ampliação da oferta de escolaridade básica e média (pelo menos no Estado de São Paulo), levando jovens e famílias a aproveitar as oportunidades de estudo (já que as de mercado são mais restritas);
- leis e campanhas contra o trabalho de adolescentes, em especial em situações penosas e arriscadas, levando empresas a evitar situações que possam causar danos à sua imagem e outros prejuízos.

¹⁹ Para livrar a empresa do ônus de manter a vaga caso o jovem seja de fato recrutado. Esta probabilidade é baixa, uma vez que o Exército dispensa 90% dos que se alistam – mas as empresas não querem correr os 10% de risco.

²⁰ A PNAD-99 registra um contingente de 2,8 milhões de crianças, entre 10-14 anos de idade, trabalhando em todo o país. Há indícios de que esse número chegue a 3 milhões, se computados os menores de 10 anos.

As duas moças e o rapaz negros não fazem menção a qualquer tipo de discriminação de gênero e cor, mesmo quando a questão é estimulada. Edson, negro, rapper e único a revelar consciência da própria etnia, admite que possa haver, mas nunca sentiu o preconceito – salvo uma única vez, xingado e chutado por um policial, durante uma batida na escola:

*“Nunca enfrentei.... De falar na cara, pelo menos, mas existe. Mas ... comigo nunca aconteceu... (na procura de trabalho)
Na escola mesmo, que eu estudo... um policial me chamou de ‘preto nojento’, ele me deu um bico na perna. Porque eu tava lá, ... eu comentei com os colegas, porque eles tavam chegando aí eu falei ‘vixe, eles chegaram!’. Aí ele pensou que eu tinha falado pra eles, aí ele me chamou de preto nojento e me deu uma bica. Mas... ele também era preto... Era ... claro, mas era preto também. Ou é preto ou é branco. Era preto... Só porque é um pouquinho claro, pensa que é branco também?”*

Avaliações – as chances dos jovens

A maioria admite as duas desvantagens acima – menoridade e inexperiência – mas se acha qualificada para o que procura, considerando seu grau escolar e alguns cursos que possuem (informática básica, inglês), bem como o tipo de trabalho que deveriam fazer. Consideram que o problema é duplo:

- de um lado, a crise geral, que torna o funil do mercado mais exigente, mais apertado, exigindo mais do que seria necessário para ocupação, sobretudo em matéria de experiência;
- de outro, a insensibilidade dos empresários (e do governo), que não abrem chances para os mais jovens (além de excluir os mais velhos).

De fato, apesar das limitações na comunicação oral, a maioria do grupo teria boas condições de competir no mercado, pelo menos por dois fatores:

- escolaridade, pois estão (salvo Rosivane e Rosiléia) em posição vantajosa em relação à PEA e à maioria da população em sua faixa etária – v. item 3, Parte I);
- “boa aparência”, à medida que a maioria branca se enquadra no figurino médio explícita ou implicitamente buscado pelas empresas²¹.

No entanto, além da discriminação velada que deve afetar os negros, uma parte do grupo, mesmo com escolaridade e boa aparência, deve sofrer um outro tipo de segregação que o mercado pratica, contra moradores de periferias. Alguns jovens explicitam o problema como gasto de tempo e dinheiro no transporte. Mas se sabe que este é um fator também ponderado pelas empresas, que costumam alegar:

- de um lado, o risco maior de atrasos e absenteísmo do empregado que mora longe, dadas as distâncias e congestionamentos comuns na metrópole;
- de outro, o ambiente “ruim” de determinadas regiões, estereotipadas como focos de criminalidade, violência, transgressão.

²¹ O grupo é formado por jovens magros ou atléticos (nenhum obeso); médios e altos (nenhum nanico); traços regulares; roupas em ordem (mesmo quando informais); denteição completa e saudável; pele lisa, sem cicatrizes ou acne acentuado; unhas aparadas, cabelos curtos, sem colorações nem cortes exóticos (salvo Edson, rapper de cabaça raspada), sem piercings, tatuagens ou brincos (homens) visíveis. Os jovens negros têm esse perfil, mas sofrem, de antemão, a segregação racial, que valoriza a pele “clara”.

4 - Etapas na trajetória de trabalho

Como esperado, em função da idade, escolaridade e perfil sócio-econômico, o grupo se caracteriza por trajetórias curtas, em ocupações de entrada, de caráter transitório, quase exclusivamente em relações de trabalho informais (sem proteção social), mas exercidas em contextos protegidos, de negócios familiares e/ou com vizinhos e conhecidos.

A divisão sexual é nítida: mulheres cuidam de tarefas “femininas”, ligadas a habilidades domésticas (cuidar de crianças, artesanato) e homens têm deveres mais “masculinos” (vendas, balcão, entregas). Serviços domésticos, computados ou não como “trabalho”, são prerrogativa das moças.

Gênero também leva à precarização: as trajetórias femininas são dominadas por bicos, enquanto alternativas de ocupações mais regulares aparecem apenas entre rapazes brancos (salvo a experiência de Carla como empregada doméstica, regular como ocupação, precária em sua concepção).

As principais tendências, detalhadas no quadro 6, indicam três tipos de trajetória:

- primeira e/ou única experiência de trabalho (5 casos);
- experiência anterior somente em bicos (5 casos);
- experiência anterior em bicos e formal (2 casos).

Quando se fala em “formal”, agora ou antes, é preciso entender bem que se trata apenas do trabalho com registro em carteira, uma garantia importante, mas que não muda o caráter transitório, “*sem futuro*” (segundo Daniel) das ocupações exercidas (office boy e empregada doméstica).

O início das trajetórias é, de fato, o limite legal de 16 ou 14 anos (no caso dos que têm hoje 19). A partir desse marco, o tempo efetivamente trabalhado, na maioria dos casos, não passa de 40% do que seria se as inserções fossem imediatas e as trajetórias, contínuas (v. quadro 6). A exceção fica por conta de Márcio, Diego e Daniel, que chegaram a se ocupar pelo menos 50% do tempo que poderiam ter trabalhado (Márcio chegando aos 100%).

Há relatos (Melina, Márcio, Daniel e Kelly()) de trabalho infantil, não considerados para efeito de trajetória, dado seu caráter assistemático, quase lúdico (“*era a maior diversão*”, relata Melina) e o contexto em que ocorreu: protegido, em negócios e relações familiares ou de vizinhança (restaurante, lanchonete, feira, cuidado de crianças), sem afetar a escolarização e longe de condições penosas que caracterizam a exploração do trabalho infantil no país. Trata-se ainda de atividades que trazem recordações afetivas. Para Daniel, a feira (onde começou a ajudar o pai desde pequeno), era quase uma extensão da família, que o levava junto desde pequeno – praticamente, “*nasceu na feira*”.

Quadro 6: etapas na trajetória ocupacional

Jovem	Ocupação atual (a)	Ocupação anterior (b)	Ocupação principal* (c)	Transição entre a-b-c (d)	Tempo a+b+c+d **	Trabalho infantil
Grupo A – trabalha regularmente						
6446 Márcio 19 anos	caixa e balconista na lanchonete do pai, registrado (5 anos)	não teve	atual	não teve	5 anos (100%)	Mesma atual
5573 Robinson 18 anos	entrega costuras em confecção da mãe, sem registro (1 ano)	não teve	atual	não teve	1 ano (30%)	não teve
7095 Daniel 18 anos	cobrador em cooperativa de cobranças, sem registro (3 meses)	office boy registrado (1,5 ano, em 1999/2000)	a atual	Bicos de chaveiro, usinagem, embalador (amigos e parentes)	2 anos (60%)	Ajuda a pai na feira (5-6 anos de idade)
11525 Diego 18 anos	assa e vende churrasquinho em barraca do pai e tio, na estação do metrô (1 ano)	bico: ajud. de pedreiro e de eletricista (com pai e tio)	a atual	não teve	1,5 ano (50%)	não teve
26839 Rosivane 16 anos	babá de primo, sem registro (4 meses)	não teve	a atual	serviço doméstico	4 meses (30%)	serviço doméstico
Grupo B – trabalha eventualmente (bicos) e procura trabalho						
20308 Kelly 19 anos	babá de sobrinhos e vizinhos (1 ano, eventual)	bico: balconista de floricultura de amiga (eventual)	estágio do curso téc. Magistério (1 ano)	não teve	2 anos (40%)	babá em família e vizinhos
13802 Melina 18 anos	fotografia, vídeo, artesanato (1 ano, eventual)	bico: ajuda no restaurante do pai	a mesma de (b)	não teve	1 ano (30%)	Mesma de B (10-11 anos)
20015 Ederson 16 anos	digitação de CV e trabalhos de escola (1 ano, eventual)	bico: ajud. de carga no caminhão tio	a atual	não teve	4 meses (30%)	não teve
30690 Rosiléia 17 anos	ajuda pai na feira e mãe como babá (2 anos, eventual)	bico dobrar confecções com a prima	a atual	não teve	8 meses (30%)	serviço doméstico
Grupo C – Não trabalha e procura ou vai procurar trabalho						
20984 Carla 19 anos	desempregada há 2 meses	empregada doméstica com registro em carteira (1,5 ano)	a mesma de (b)	bicos: ajudante mercado restaurante	2 anos (40%)	babá e serviço doméstico
21397 Edson 18 anos	desocupado	bico: ajud. em empresa de mudanças (3 dias)	bico: distrib. folhetos na rua (3 meses)	bico: ajud. agência de correios (dias)	4 meses (2%)	não teve
2030 Fernanda 17 anos	desocupada	bico: separar cartas em ag. Correios (1 mês, 2 vezes)	a mesma de (b)	não teve	3 meses (10%)	não teve

* Pelo tempo exercido (exceto quando o entrevistado se pronunciou sobre importância da ocupação).

** A partir do limite legal de 14 anos (aplicável a quem tem 19) ou 16 anos (aos demais). Os percentuais se referem ao tempo efetivamente trabalhado sobre o total do tempo que poderiam ter trabalhado, segundo a faixa etária (a partir de 14 ou 16 anos).

5 - Mudanças nos ambientes de trabalho

Pela análise anterior, das trajetórias, constata-se pouca mudança: estão e estiveram em ambiente conhecido, familiar, protegido. Mesmo quando falam em empresa, trata-se de negócios pequenos, informais, sob asas maternas, fraternas ou de outros parentes e amigos.

Somente Daniel e Carla chegaram a vivenciar relações de trabalho formais, registrados em carteira profissional, mas ainda em território relativamente conhecido: ele como office boy de empresa pequena, indicado pelo cunhado; ela como empregada doméstica, por recomendação de pessoa de sua igreja.

Sendo assim, é natural que não destaquem, de forma espontânea nem estimulada, nenhum fato marcante na passagem entre diferentes ambientes de trabalho. Márcio, que sempre trabalhou com o pai e está prestes a assumir um cargo público, concursado, é o único a ter consciência de que algo vai mudar, embora veja a mudança positivamente (inclusive por causa do salário).

Declarações ou expectativas sobre mudanças mais acentuadas ocorrem em quem já atingiu o curso superior. Entrar na faculdade implica uma série de rupturas e adaptações: no modelo pedagógico-escolar (menos organizado e disciplinado, de um lado, mas mais complexo, de outro, trabalhos que se avolumam); no espaço e meios de circulação (as faculdades são distantes, Márcio passou a usar ônibus fretado); no círculo de amigos (poucos prestam o mesmo vestibular; Melina se separou da turma que vinha desde a pré escola).

6 - Trajetória familiar

O grupo registra situação familiar estável, pais e mães presentes, aparentemente protetores e provedores – mesmo os que enfrentam dificuldades econômicas, o que, desde logo os diferencia de jovens em situação de risco social, geralmente marcados por situação de desagregação familiar ou abandono total/parcial.

Vivem, em maioria, em famílias nucleares, pequenas e médias (pai, mãe, 2-4 filhos), embora o núcleo de habitação possa estar reduzido, em função de filhos já casados. Há somente um caso de família grande (casal + 7 filhos) e outro de família com agregados (casal, 2 filhos, 2 primos).

Embora o núcleo familiar seja pequeno, há famílias em casas (ou edículas) no mesmo terreno. Algo como “condomínios familiares”, ou seja, várias construções no mesmo lote, habitadas por famílias aparentadas – uma solução comum para resolver o problema de moradia em populações de média/baixa renda (os filhos que se casam começam a construir no terreno dos pais, ou irmãos da mesma família fazem o mesmo).

As famílias são chefiadas pelos pais/maridos, havendo apenas duas chefiadas por mulheres e um caso de padrasto/chefe²². Nos dois casos de mães chefes de família (Carla e Ederson), a perda do pai ocorreu há tempos, na infância. Sob estímulo, Carla fala da separação do pai como algo distante, “*quando era bem pequena*”, expressando certa mágoa pela ausência do pai “*que não dá as caras, nem se for vida ou morte*”, acentuada possivelmente pela prisão do irmão há pouco tempo, por roubo. Com Ederson não foi possível explorar o assunto²³.

Junto ao relativo equilíbrio familiar, encontra-se situação de moradia também estável: a maioria nasceu no domicílio atual ou nas proximidades. Márcio e Diego mudaram, mas residem há pelo menos 10 anos no local, e as mudanças foram de bairros ou cidades vizinhas (de São Caetano para Santo André, da Moóca para Vila Curuçá).

Essa estabilidade parece ter garantido a continuidade na escola e relativa permanência nos círculos de amizade e vizinhança (não raro parentes moram perto ou na mesma rua).

²² Referido pelo jovem, no entanto, como pai. A condição de padrasto foi explicitada pela avó.

²³ Por causa de apertes da mãe presente, a que só permitiu a entrevista entre as grades do portão.

7 - Efeitos do desemprego sobre a visão dos jovens

A vida profissional

As dificuldades enfrentadas na procura de emprego parecem reforçar a crença na importância do estudo, da qualificação, para abrir as portas do mercado: fazer curso superior, técnico e outros profissionalizantes (inglês e informática, sobretudo) estão em quase todos os planos (v. item 8 a seguir).

Ao mesmo tempo, ressaltam a importância do chamado “QI” (quem indica) e das relações pessoais para conseguir trabalho. O que parece confirmado pelos que estão trabalhando ou já trabalharam – todos a partir da indicação de algum amigo ou parente.

Em alguns casos, manifesta-se revolta de jovens e pais contra governo e/ou empresários, pela política econômica, desemprego e falta de oportunidades para os jovens. Discursos dessa natureza aparecem em todos os níveis sócio-econômicos: Melina, Edson, Ederson, Kelly, Robinson (estimulados inclusive por pais e mães presentes à entrevista).

“Não é porque é meu filho, tô jogando confete não, mas ele tem responsabilidade... Eu sei que quando ele pega as coisas pra fazer, ele faz com responsabilidade e faz bem feito... Mas infelizmente... nossos governantes não reconhecem isso.... Se tiver mais chance nas empresas, mais oportunidade para os jovens, seria muito bom...” (mãe do Ederson).

“... é muita competitividade. Os riquinhos já tem tudo serviço bom porque tem dinheiro pra pagar curso... nós que somos assim... da classe mais baixa, não tem muita chance não... (...) acho que os empresários devia dar uma chance mais pros adolescente que tão começando que senão... vira tudo ladrão... ou vira ladrão ou passa fome... (...) (Robinson).

“...acho que mesmo no Estado de São Paulo..., sei lá, o governo está tirando tipo a oportunidade do pessoal trabalhar. Porque tipo está dificultando pras empresas chegarem em São Paulo. Você pode ver que as empresas estão mudando pro Nordeste porque é muita dificuldade delas se instalarem aqui em São Paulo, é muito imposto, é muita burocracia... o Governo é até meio culpado por essa crise do emprego”. (Diego)

A vida familiar

Parecem ter consciência do suporte e compreensão que recebem da família. Seu discurso reconhece terem tudo o que precisam, não serem pressionados pelos pais, contarem com seu apoio na procura infrutífera de emprego.

Pela aparência e discurso (dos pais e dos jovens), parecem estáveis, mais ou menos estudiosos, “bons filhos”, sem problemas graves de comportamento (infrações, drogas), sem dar preocupação para a família. (O fato de estarem em casa, por perto e, no geral, atenderem chamado de pai/mãe, para a entrevista, é uma confirmação nesse sentido.)

Estão ansiosos, frustrados, mas não mostram desespero nem revolta. De fato, à medida que são “assistidos” e têm o básico (roupa, comida, escola), não se sentem desamparados nem pressionados pela família.

Como a maioria dos jovens, encaram o trabalho antes de tudo como “necessidade” pessoal, meio de assegurar maior independência, qualificação, liberdade de consumo (principalmente de itens de lazer e diversão) – o rito fundamental da passagem da juventude para a vida adulta:

“O pessoal tipo na minha sala, pelos menos os meninos trabalha ou tenta trabalhar, faz um bico. Tem os meus colegas que trabalha de ajudante de pedreiro, eles... tipo a única coisa ... não quer ficar parado... quer comprar suas roupas, ... conquistar seus objetivos. É uma coisa assim, que eu acho que tá envolvendo todos os jovens, né? Tipo, eles vê um trabalhando – ah, que legal, o cara compra as coisas dele... ah, vou trabalhar também. (Diego)

Nas famílias mais pobres, há também a necessidade de buscar, no trabalho, meios para concretizar planos e projetos (cursos, faculdade, casamento) e para aliviar a carga de pais e mães, nas famílias mais pobres (Carla, Edson).

Meu pai é motorista, motorista de ônibus. Aí já tá perto dele se aposentar. Aí ainda não arrumei nenhum serviço fixo... prá ajudar em casa também, que meu pai, só ele trabalha... prá ele aliviar um pouco... apesar que não tá ... muito ruim porque minha mãe faz esses bicos também, né? (de costureira). Mas eu queria trabalhar também prá ajudar mais. (Edson)

A vida social

Como dito, convivem em um meio – da escola, da vizinhança, da igreja – em que a maioria dos jovens está na mesma situação. São a regra, não a exceção.

Salvo dois casos (Carla e Edson), todos ganham algum dinheiro ou até têm reservas (Melina e Diego). Com isso, conseguem manter formas baratas ou praticamente gratuitas de lazer e sociabilidade: cinema (mais baratos na periferia), lanches e refrigerantes, passear em shopping (típico de paulistas em qualquer classe social, com shoppings populares nas saídas de metrô); ir a shows abertos (rap, rock); a clubes públicos (do SESC, da prefeitura); participar de passeios e festas na igreja (os evangélicos).

O problema, diz Melina, falando de suas reservas é “quando acabar o dinheiro é que eu quero ver.. a hora que acabar... aí vai pesar. Mas eu acho que consigo, sim (o emprego). “

8 - Expectativas: o futuro

Os planos e projetos, de curto, médio e longo prazos, aparecem associados à situação atual de trabalho/estudo, à classe econômica e ao gênero (quadro 7). No conjunto, os jovens parecem ter pés no chão, sem alçar vôos demasiadamente altos ou ir além de suas pernas. O gênero faz a diferença: sonhos femininos e masculinos seguem o figurino esperado, em matéria de cursos, ocupações e relações familiares.

Família

Planos de formar a própria família são formulados apenas por mulheres: Kelly que está noiva e Fernanda, que tem namorado. A questão surge associada ao trabalho e carreira, que pretendem seguir “mesmo” depois de casadas, tanto para ter mais folga no orçamento, como para garantir seu próprio espaço profissional, além de autonomia e autoridade nas relações de casal:

“Hoje em dia, com os dois trabalhando (marido e mulher) já tá difícil, imagine com um parado em casa, ainda mais no começo de casamento, que é a fase de adaptação... a fase em que você briga mais. Então o dinheiro tem uma forte influência nessa briga de casal, né? Então, eu fico esperando o emprego.” (Kelly)

Entre os mais pobres (Ederson, Edson, Carla), além de obter o próprio dinheiro, a preocupação é melhorar a atual situação familiar, obter trabalho para aliviar a carga dos pais e mães, permitindo que descansem ou trabalhem menos:

Estudo

A questão do curso superior surge, de forma espontânea, somente entre quem já iniciou ou atingiu esse nível (Fernanda, Melina, Márcio – todos brancos e da classe B). Além desses, apenas Diego (que já tem renda para pagar faculdade) formula planos mais imediatos e definidos nesse sentido (cursar biologia).

Sob estímulo, Robinson, Edson e Kelly declaram aspirações definidas quanto a curso superior, mas sabem que tudo depende de obter empregos (ou bolsa) para se manter ou pagar mensalidades. Universidade pública não entra nos sonhos (realizado para Márcio, para quem “*entrar na USP era um sonho*”), exceto para Edson, que conta com o sistema de cotas para negros, embora critique a idéia, pois quer dizer que “*o negro é incapaz de entrar pros seus cursos... que é inferior ao branco*”.

Os demais não se posicionam claramente. Daniel, mais “vivido” no mercado de trabalho, pensa em fazer curso técnico para trabalhar (mecânica de auto) e mais tarde fazer “boa faculdade”. Ederson conta com a alternativa da carreira militar, depois que servir o exército.

No grupo feminino, Carla diz ter pensado em medicina (curso no qual teria pouca ou nenhuma chance), avisando que desistiu de antemão por causa de seu “*horror a sangue*”. Rosivane, que vai iniciar o médio, fala em ser desenhista de modas, mas tem apenas uma vaga idéia da ocupação e da formação que necessitaria. Rosileide ainda precisa voltar ao médio e só quer mesmo é trabalhar.

Trabalho

De fato, trabalho é a grande prioridade de todos. Quem trabalha, quer melhorar ou iniciar a carreira para a qual estuda (Daniel, Diego, Márcio). Os que já chegaram ao grau superior pretendem trabalhar na área do curso, salvo Melina, que declara intenção de apenas “*extrair conhecimentos*”, para “ajudar populações carentes” e “*viver fora do sistema capitalista*”, do qual é crítica ferrenha (embora admita usufruir transitoriamente de seus confortos...).

Para a maioria que está desocupada ou só faz bicos, o projeto principal é obter “bons empregos”, nas áreas em que fazem cursos profissionais (informática) ou em qualquer uma, desde que o salário e as condições compensem. Melina é a única que destoa desse tipo aspiração, esboçando um projeto de vida “alternativa” (como os hippies dos anos 60, citados por ela), alimentada talvez pelo ambiente estimulante em que vive (“*respira arte*”) e pela segurança que a família garante. Sem falar, é claro, na boa e sólida opção profissional que tem (e já explora, em bicos), a partir do curso do curso de fotografia que fez no Senac.

Os demais, querem apenas o que se chama de “trabalho digno” (ou “decente”, na terminologia OIT), que garanta regularidade, proteção social (registro em carteira), salário suficiente (“*400 pró começar*”, diz Rosiléia), folga semanal (para lazer e ir à igreja) e condições de desenvolvimento profissional (“*dê futuro*”, segundo Robinson) e, se não for pedir demais, que “*seja leve*” (Rosiléia).

A maioria acha que vai conseguir. É uma questão de tempo. De paciência. De uma boa indicação. De sorte e de fé. De se sujeitar a “começar por baixo”, até ganhar idade e experiência:

“...é difícil, mas eu tenho fé em Deus que esse ano agora (2002), se Deus quiser, as coisas vão bem e eu vou arrumar emprego...” (Kelly)

“... a gente também tem que agradecer a Deus porque, não deu pra fazer, não faz! Não vou ficar triste com o meu Deus por causa disso. Jamais! Ele sabe todas as coisas”. (Mãe de Ederson).

“... porque se você tá começando, você tem que se sujeitar a um cargo... aquela história de você não experiência, tem que ter experiência, se você não começar de algum lugar, você não vai começar nunca...” (Talita, 20 anos, irmã de Melina, técnica em hotelaria pelo Senac, trabalhando com o pai no restaurante da família).

Quadro 7: planos e perspectivas

Jovem	Situação atual	2002	2003	2004 ou +
Grupo A – trabalha regularmente				
6446 Márcio 19 anos	Caixa e balconista na lanchonete do pai, com SM Cursa turismo e espanhol	Assumir cargo de técnico em comunicações da Polícia Civil (R\$1.000/mês) Continuar curso de turismo	Continuar no cargo se não atrapalhar a faculdade Continuar curso e fazer estágios na área	Concluir curso de turismo Trabalhar na área de planejamento turístico (governo estadual ou municipal).
5573 Robinson 18 anos	Entrega costuras em confecção da mãe, R\$200/mês Cursa técnico em informática	Obter qualquer emprego na área de informática ou qualquer um Concluir curso atual	Trabalhar em qualquer área Cursar técnico em mecânica	Trabalhar como técnico mecânico Cursar engenharia mecânica Trabalhar como engenheiro mecânico
7095 Daniel 18 anos	Cobrador em cooperativa de cobranças, R\$250/mês Cursa médio	Firmar-se e ganhar mais no emprego atual Cursar médio (2a. série)	Manter o emprego Concluir médio Cursar técnico mecânica de auto	Trabalhar como téc. mecânico de auto Fazer “boa” faculdade
11525 Diego 18 anos	Churrasqueiro em barraca do pai e tio, R\$400/mês Concluindo médio Cursa inglês (Cultura Inglesa)	Manter ocup. atual ou montar o próprio, só com o pai. Concluir inglês e fazer teste de proficiência Entrar no curso sup. de biologia	Manter ocup. atual ou obter emprego em escritório Ir para Oxford (intercâmbio) Cursar biologia	Concluir biologia e trabalhar na área, como docente ou pesquisador (em hospital)
26839 Rosivane 16 anos	Babá de primo, R\$100/mês Concluindo médio	Manter ocup. atual Iniciar médio	Manter ocup. atual ou obter emprego de empacotadora Continuar médio	Concluir médio Cursar desenho de moda Trabalhar como estilista

continua

continuação

Grupo B – trabalha eventualmente (bicos) e procura trabalho

20308 Kelly 19 anos	Babá de sobrinhos e vizinhos	Obter qualquer emprego no setor privado ou público (fez concursos) Obter bolsa para curso de pedagogia Casar-se	Manter emprego Cursar pedagogia	Concluir pedagogia Obter emprego de professora
13802 Melina 18 anos	Fotografia, vídeo, artesanato Cursa psicologia	Continuar curso e fazer estágios na área	a mesma anterior	Concluir curso Trabalhar com pessoas carentes Viver em comunidade alternativa, “fora” do capitalismo
20015 Ederson 16 anos	Digitação de CV e trabalhos de escola Cursa médio Cursa informática básica	Obter emprego na área de informática Concluir médio Fazer curso de informática avançado	Fazer curso de informática avançado Servir exército	Seguir carreira militar na área de informática
30690 Rosiléia 17 anos	Ajuda pai na feira e mãe como babá Não estuda	Voltar ao médio (2a. série) Obter emprego de aprendiz de costureira overloque (R\$400/mês)	Concluir médio Cursar inglês Obter emprego leve, formal e bem pago (telefonista, recepcionista)	Manter o emprego obtido Casar-se

Grupo C – Não trabalha e procura ou vai procurar trabalho

20984 Carla 19 anos	Desempregada Concluindo médio	Obter qualquer emprego, desde que tenha folga semanal Cursar inglês e informática	Obter emprego melhor	Manter emprego
21397 Edson 18 anos	desocupado Concluindo médio	Obter qualquer emprego, formal ou informal Cursar téc. em manutenção de computadores	Obter emprego em manut. de comput. Fazer curso sup. de informática (valendo-se de cotas para negros)	Concluir curso superior e trabalhar na área de informática Compor rap
2030 Fernanda 17 anos	desocupada Concluindo médio	Obter qualquer emprego em comércio/serviços que possa conciliar com a faculdade Cursar 1º ano de nutrição	Manter emprego Continuar curso Fazer estágios na área do curso	Concluir curso e trabalhar como nutricionista em hospital Casar-se

9 – Síntese e conclusões

A pesquisa

Esta pesquisa focaliza um dos grupos alvo definidos no estudo comparativo França-Japão-Brasil, que aborda a questão do desemprego, em suas dimensões normativa, institucional e individual, em diferentes segmentos de pessoas desempregadas. Este relatório refere-se ao segmento de jovens, definido, para definido para fins de realização da pesquisa no Brasil, nos seguintes termos:

jovens de ambos os sexos, entre 16 e 21 anos de idade, com escolaridade entre fundamental completo e médio completo (antigos 1º e 2º graus), sem experiência anterior de trabalho, em situação de desemprego (aberto ou oculto pelo trabalho precário/desalento).

Com base na definição acima, foi recortado um total de 68 casos na PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego da Grande São Paulo, da Fundação SEADE e DIEESE, considerando o estoque pesquisado em 2001. A partir dos 68 casos, foram sorteados 24: 12 titulares e 12 para eventual reposição. As 12 entrevistas foram feitas com 6 titulares e 6 da reposição. O critério básico para reposição foi manter equilíbrio de sexo, idade, cor, escolaridade, renda e localização geográfica da “amostra”.

O estudo é exclusivamente qualitativo, baseado em entrevistas abertas, gravadas, com os jovens sorteados. Todas as entrevistas foram feitas pela autora, nos domicílios dos jovens, no período de 15-20/11/2001, sem agendamento prévio, seguindo um roteiro básico definido pelo projeto.

Enfrentaram-se as dificuldades e reações previsíveis, de pais e jovens: insegurança diante de desconhecidos, pressa, desinteresse ou descrença em relação a pesquisas. A chave para estabelecer contato foi a expressão “pesquisa sobre emprego e desemprego”. Com uma facilidade adicional: todos residem em casas térreas, sem a barreira usual de portarias dos prédios de apartamentos ou condomínios.

Como esperado, os depoimentos dos jovens são curtos, lacônicos, entremeados de silêncios, frases cortadas, expressões típicas dessa faixa etária. Mantiveram-se distantes, reticentes, fechados, exigindo reiterado estímulo para não encerrar a conversa no primeiro bloco. Nada a estranhar; surpresa seria que fossem loquazes e abertos com uma adulta, estranha. A presença (inevitável) de pais, irmãos e outros parentes pode tê-los inibido ainda mais.

Seu perfil mostra, em síntese:

- ligeira superestimação da população branca, devido a diferenças entre registros da PED e o observado durante as entrevistas, havendo, no entanto, casos ilustrativos da etnia negra (homem e mulheres);
- idade entre 16-19 anos, com equilíbrio entre as duas faixas críticas para esse tipo de estudo (maiores e menores de idade);
- escolaridade de nível médio completo ou a completar, na faixa esperada para a idade ou até avançados no contexto dos estudantes do país e da PEA;

- renda familiar média de R\$1.600,00, acima da média nacional, configurando, porém, um perfil predominante de classe média e média-baixa (com casos ilustrativos para extremos abaixo e acima dessas faixas), residentes em bairros afastados e periferias da área metropolitana;
- residência em moradia própria, na qual nasceram, vivem desde a infância ou, no mínimo, há 10 anos;
- situação familiar aparentemente estável, grupos nucleares pequenos/médios, quase todos chefiados por pais-maridos provedores (embora mães “ajudem”), havendo apenas duas mães chefes de família (sem presença paterna).

Tais características definem um perfil “intermediário”, que exclui tanto o topo - a elite (para quem o trabalho não chega a ser problema), como a base - jovens em risco social (para os quais desemprego é mais uma entre tantas aflições, como fome, doença, violência, moradia). O que não significa que o grupo entrevistado seja homogêneo. Há diferenças sócio-econômicas expressivas, que afetam a trajetória, condições e perspectivas de inserção profissional dos jovens.

De todo modo, esse recorte intermediário, que exclui os extremos da desigualdade social no Brasil, parece duplamente interessante para a pesquisa:

- pode ser mais adequado às comparações internacionais propostas;
- abre boas perspectivas para uma segunda etapa da pesquisa (proposta), dada a estabilidade do grupo (familiar, residencial);
- permite uma abordagem menos explorada da questão do trabalho/emprego jovem, que, em grande parte, está relacionada a estudos sobre pobreza e exclusão social.

Trabalho: situação e trajetória

Os relatos confirmam em linhas gerais, os dados da PED, sobre a condição do grupo, de “desempregados ocultos pelo trabalho precário”. Permitem, no entanto, qualificar melhor as nuances dessa precariedade e o que oculta. A situação atual dos jovens (nov/01) no mercado de trabalho pode ser resumida como segue:

- a maioria de algum modo trabalha, regular ou eventualmente; cinco exercem atividades que os ocupam o dia e a semana toda, com jornadas, responsabilidades e ganhos definidos, que inclusive, permitem que paguem cursos paralelos (informática, inglês); quatro fazem “bicos”, sempre que aparecem, e conseguem algum ganho (pelo menos para pequenas despesas pessoais, lazer, diversão); somente três estão totalmente parados, sem fazer bicos (embora estudem);
- regulares ou não, trata-se de em ocupações tipicamente de entrada no mercado de trabalho, de caráter transitório (na visão dos jovens e na prática do mercado), quase exclusivamente em relações de trabalho informais (sem proteção social), mas exercidas em contextos protegidos, de negócios familiares e/ou com vizinhos e conhecidos: ajudantes de pais em restaurante e barracas (feira, churrasco); cobrador (de dívidas); entregador de confecções (na empresa da mãe); digitação de trabalhos escolares em casa; babá de vizinhos e parentes; artesanato “hippie”;
- o trabalho parece plenamente compatível com a escola, o que é possível, em grande parte, pelo contexto amigável (familiar/vizinhaça) em que trabalham;

estudo é de fato a prioridade, mesmo nas famílias mais pobres (a única jovem que interrompeu parece ser caso de rebeldia adolescente, e não de pressão para trabalhar);

- a divisão sexual é nítida: mulheres cuidam de tarefas “femininas”, ligadas a habilidades domésticas (crianças, artesanato) e homens têm deveres mais “masculinos” (vendas, balcão, entregas). O trabalho de mães é visto como “bico”, ajuda aos pais-maridos, geralmente provedores (exceto dois casos de mães chefes de família);
- a discriminação racial, mesmo não admitida pelos entrevistados, ocorre na prática. A situação mais estável, de regular, ocorre principalmente entre os homens brancos; a moça e o rapaz negro entrevistados são os mais pobres, cujas trajetórias são mais precárias, sem conseguir nada atualmente).

As trajetórias, como esperado em função da própria idade e perfil sócio-econômico, são curtas e repetem o perfil ocupacional acima. As principais tendências, indicam três tipos de trajetória:.

- primeira e/ou única experiência de trabalho (5 casos);
- experiência anterior somente em bicos (5 casos);
- experiência anterior em bicos e formal (2 casos).

O início das trajetórias é, de fato, o limite legal de 16 ou 14 anos (no caso dos que têm hoje 19). A partir desse marco, o tempo efetivamente trabalhado, na maioria dos casos, não passa de 40% do que seria se as inserções fossem imediatas e as trajetórias, contínuas. Apenas 3 jovens (homens, brancos) chegaram a se ocupar pelo menos 50% do tempo que poderiam ter trabalhado.

Apenas 3 tiveram experiência de trabalho com registro em carteira. Trata-se de um “formal”, no entanto, a ser bem qualificado, dada a natureza das ocupações (ajudante do pai em lanchonete, office boy e empregada doméstica) e o contexto em que foram exercidas (família, conhecidos), ainda longe de relações de trabalho de fato mais formalizadas.

O gênero, como sói acontecer, faz diferença nas trajetórias: as femininas são mais precárias, de bicos para bicos.

Há relatos de trabalho infantil, mas sempre de caráter assistemático, quase lúdico ou afetivo (por diversão, ficar perto dos pais), em contexto sempre protegido, de negócios e relações familiares ou de vizinhança (restaurante, lanchonete, feira, cuidado de crianças). Não houve prejuízos à escolarização nem condições penosas que caracterizam a exploração do trabalho infantil no país.

A procura de emprego: mecanismos e dificuldades

Entre os 12 casos, a maioria (10) procura ou já procurou emprego, começando por iniciativa própria, após completar a idade mínima (14 ou 16 anos, dependendo da idade que têm hoje).

A prática é procurar de forma assistemática, nos intervalos do tempo de escola/estudo – os eixos de organização da vida, como visto – uma ou duas vezes por semana. Em finais de ano (como na época da época da pesquisa), a busca se

intensifica, aproveitando a conjuntura de férias escolares e maior oferta de trabalho temporário no comércio e serviços, justamente do tipo a que podem aspirar, como ajudante em vendas, caixa, entregas, pacotes, embalagens e similares.

Uma diferença de gênero: entre as mulheres, a prática é ir em duplas, com amiga da escola ou da vizinhança, buscando ou não as mesmas vagas - uma forma de apoio e segurança mútua. Os homens tendem a se aventurar sozinhos, possível traço de “machismo”?

Os mecanismos mais adotados para procurar trabalho são:

- pedir/seguir indicações a parentes, amigos e conhecidos (todos) - é a que parece dar mais resultado, a julgar pelos que trabalham ou já conseguiram trabalho;
- circular nos arredores para ver anúncios nas portas de estabelecimentos comerciais ou industriais, preenchendo fichas e/ou deixando currículos (todos) – embora sem resultados concretos, dada escassez de vagas e perfil exigido;
- preencher ficha e/ou entregar currículos em agências de emprego (todos) – são mais procuradas as agências do centro da Capital – onde se concentram – e em bairros próximos ou de fácil acesso pelo metrô (Tatuapé, Liberdade, para quem vive na zona leste);
- colocar currículo ou fazer cadastro na Internet (4 casos) - por iniciativa própria, do grêmio escolar, que resolveu intermediar os alunos ou de irmão mais velho, que trabalha em escola de informática;
- jornais de grande circulação e/ou de bairro (3 casos) – alternativa raramente procurada, pelo fato de só trazer ofertas em lugares distantes de onde moram e que exigem experiência;
- prestar concurso público (2 casos) – ambos aprovados, um a iniciar em 2002 (homem, branco) e outra ainda esperando nomeação (mulher, parda);
- inscrever-se em programas/projetos públicos, como frentes de trabalho, centros de solidariedade (2 casos, ambos negros e de famílias mais pobres);
- pedir indicações nos círculos da igreja no caso dos evangélicos (2 jovens);
- contatos diretos ou indiretos com políticos locais (1 caso).

Os principais obstáculos que enfrentam ou enfrentaram nessa busca são bem conhecidos: falta de experiência (registrada em carteira) e/ou ser menor de 18 anos – incluindo, para os rapazes, a exigência de estar quite com o serviço militar.

De fato, o limite legal define, desde logo, uma barreira à contratação formal de jovens. Na prática, todavia, independente da legislação, a idade de entrada formal ou regular no mercado de trabalho vem se elevando, por uma série de fatores:

- redução da oferta de empregos e maior seletividade das empresas para contratação (experiência, escolaridade, serviço militar completo no caso dos rapazes);
- modernização tecnológica, criando postos que implicam manejo de equipamentos mais frágeis, custosos, para cuja manejo se requer, além da competência técnica, responsabilidade, iniciativa, maturidade;
- exigência de escolaridade fundamental ou até média completa, para a maioria das ocupações, mesmo as consideradas mais “simples” ou iniciais, no comércio e serviços;
- ampliação da oferta de escolaridade básica e média (pelo menos no Estado de São Paulo), levando jovens e famílias a aproveitar as oportunidades de estudo (já que as de mercado são mais restritas);

- leis e campanhas contra o trabalho de adolescentes, em especial em situações penosas e arriscadas, levando empresas a evitar situações que possam causar danos à sua imagem e outros prejuízos.

As chances de competir

A maioria dos jovens admite as duas desvantagens acima – menoridade e inexperiência – mas se acha qualificada para o que procura, considerando seu grau escolar e alguns cursos que possuem (informática básica, inglês), bem como o tipo de trabalho que deveriam fazer (simples, pouco exigente, em sua opinião).

Consideram, assim, que o problema não é deles, mas externo e maior:

- de um lado, a crise geral, que torna o funil do mercado mais exigente, mais apertado, exigindo mais do que seria necessário para ocupação, sobretudo em matéria de experiência;
- de outro, a insensibilidade dos empresários (e do governo), que não abrem chances para os mais jovens (além de excluir os mais velhos) e tomam medidas que geram desemprego.

De fato, apesar dos tropeços na comunicação oral, o grupo teria boas condições de competir no mercado, pelo menos por dois fatores:

- escolaridade, pois, à medida que têm praticamente o nível médio completo, estão em posição vantajosa em relação à PEA e à maioria da população em sua faixa etária;
- “boa aparência”, à medida que enquadram no figurino médio explícita ou implicitamente buscado pelas empresas (salvo negros que, não obstante, não admitem a existência dessa discriminação).

No entanto, além da discriminação velada que deve afetar os negros, a maioria do grupo, mesmo com escolaridade e boa aparência, deve sofrer um outro tipo de segregação que o mercado pratica, contra moradores de periferias.

Alguns jovens explicitam o problema como gasto de tempo e dinheiro no transporte. Mas se sabe que este é um fator também ponderado pelas empresas, que costumam alegar:

- de um lado, o risco maior de atrasos e absenteísmo do empregado que mora longe, dadas as distâncias e congestionamentos comuns na metrópole;
- de outro, o ambiente “ruim” de determinadas regiões, estereotipadas como focos de criminalidade, violência, transgressão.

Efeitos do desemprego

Diante do desemprego, atual ou passado, mostram ansiedade para encontrar trabalho, mas sem aflições e privações mais agudas, por vários fatores:

- participam de núcleos familiares relativamente estáveis e organizados, no qual as necessidades básicas - moradia, alimentação, escola, transporte e vestuário – parecem estar supridas, apesar das diferenças de poder aquisitivo;
- contam com a compreensão e complacência de pais e irmãos mais velhos, que os alentam na procura de trabalho, dizendo que devem ter paciência, não se desesperar, vão acabar conseguindo algo;
- percebem claramente sua situação como regra – e não exceção – para a maioria dos colegas do bairro, da escola, da igreja;

- entendem que o desemprego é problema geral do país, mesmo para pessoas mais velhas, experientes e qualificadas.

Desse modo, as limitações que aparecem, geralmente de forma estimulada, abrangem principalmente três itens, afetando sobretudo os jovens que vivem em famílias mais pobres:

- o consumo chamado “supérfluo” - mas essencial nessa idade – de roupas, calçados, cosméticos, CDs;
- lazer – viagens, excursões, cinema, bares, lanchonetes, shows, restrição parcialmente compensada pelo aproveitamento de alternativas gratuitas, públicas ou da comunidade religiosa (no caso dos evangélicos)
- estudo – poder pagar faculdade e/ou mais e melhores cursos profissionais.

No caso de famílias com melhor condição econômica, a limitação ocorre por uma questão de princípios: a norma é assegurar o “básico” (estudo, alimentação, saúde, vestuário), cabendo aos jovens garantir o “supérfluo”, segundo manda a velha e eficaz ética protestante.

O desemprego também não chega a desorganizar a vida, porque a escola ainda é o eixo principal dessa organização. Quem trabalha, regular ou eventualmente, trata de se organizar de modo a garantir o estudo. Dias e noites são quase totalmente preenchidos, restando o fim de semana para descanso, lazer e, se necessário, mais estudo. O que corrobora afirmações dos pais, de que são “bons filhos, responsáveis”, corpos e mentes orientados para não se tornar “oficinas do diabo”:

Outras perdas, no plano afetivo-emocional, são mencionados por duas jovens, negras e pobres: uma teve que adiar o casamento (não é possível casar sem trabalhar, por motivos econômicos e de autonomia pessoal) e outra perdeu o namorado, pois não podia compartilhar despesas de lazer; pelo mesmo motivo, tem se afastado das colegas.

Expectativas e perspectivas

Os planos e projetos, de curto, médio e longo prazos, abrangem, nas entrevistas, três dimensões da vida - família, estudo e trabalho, no geral associados à situação atual de trabalho/estudo, à classe econômica e ao gênero. No conjunto, os jovens parecem ter pés no chão, sem alçar vôos demasiadamente altos ou ir além de suas pernas. O gênero faz a diferença: sonhos femininos e masculinos seguem o figurino esperado, em matéria de cursos, ocupações e relações familiares.

Planos de formar a própria família são formulados apenas por duas mulheres. A questão surge associada ao trabalho e carreira, que pretendem seguir “mesmo” depois de casadas, tanto para ter mais folga no orçamento, como para garantir seu próprio espaço profissional, além de autonomia e autoridade nas relações de casal (uma teve que adiar o casamento por causa do desemprego).

Entre os mais pobres, além de obter o próprio dinheiro, existe clara preocupação é melhorar a atual situação familiar, obter trabalho para aliviar a carga dos pais e mães, permitindo que descansem ou trabalhem menos:

A questão do curso superior surge, de forma espontânea, somente entre quem já iniciou ou atingiu esse nível. Além desses, apenas um jovem (que já tem renda para

pagar faculdade) formula planos mais imediatos e definidos nesse sentido. Outros declaram aspirações mais vagas, sabendo que tudo depende de obter empregos (ou bolsa) para se manter ou pagar mensalidades. Universidade pública não entra nos sonhos; exceto para o jovem negro, que conta com o sistema de cotas, embora critique a idéia, por subestimar a capacidade dos negros.

Trabalho, de fato, é a grande prioridade de todos. Quem trabalha, quer melhorar ou iniciar a carreira para a qual estuda. Os que já chegaram ao grau superior pretendem trabalhar na área do curso

Para a maioria que está desocupada ou só faz bicos, o projeto principal é obter “bons empregos”, nas áreas em que fazem cursos profissionais (informática) ou em qualquer uma, desde que o salário e as condições compensem. Querem apenas o se chama de “trabalho digno” (ou “decente”, na terminologia OIT), que garanta regularidade, proteção social (registro em carteira), salário suficiente, folga semanal (para lazer e ir à igreja) e condições de desenvolvimento profissional.

A maioria acha que vai conseguir. É uma questão de tempo. De paciência. De uma boa indicação. De sorte e de fé. De se sujeitar a “começar por baixo”, até ganhar idade e experiência.

ANEXO A

ROTEIRO DE ENTREVISTA - JOVENS

Pesquisador,

Os trechos que se localizam em quadros e que estão apresentados com corpo de letra maior contêm os elementos de conteúdo imprescindíveis à estruturação da entrevista. Os trechos enquadrados e em itálico correspondem aos elementos de conteúdo cujo fraseado precisaria ser, na medida do possível, aproximado.

Os trechos dispostos fora de quadros e em corpo de letra menor referem-se a instruções e comentários importantes, dirigidos ao(à) entrevistador(a).

I – A abordagem e apresentação

Sou pesquisador(a) credenciado(a) pela Fundação Seade, pela Universidade de São Paulo e pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP.

Você já conhece provavelmente a Fundação Seade, que juntamente com o Dieese desenvolve, desde 1985, a PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego. A Universidade de São Paulo é também uma instituição bem conhecida entre nós. E o CEBRAP é um centro de estudos também localizado na cidade de São Paulo, que há 30 anos desenvolve pesquisas sobre condições de trabalho e vida em nosso estado.

Estas instituições realizam, em parceria, uma pesquisa suplementar à PED. Tal pesquisa visa conhecer melhor as experiências dos indivíduos no trabalho, particularmente as mudanças importantes na sua trajetória de trabalho e, em especial, suas experiências de desemprego e de procura de trabalho.

Por isto, depois de um levantamento inicial que foi feito em sua residência, por um dos pesquisadores da PED, que aplicou um questionário a todos os membros do domicílio, estamos de volta para uma coleta de dados suplementar, com apenas um morador, que será selecionado agora. Para tanto, pediria que nos ajudasse a atualizar o quadro de informações básicas sobre os moradores neste domicílio, que foi preenchido meses atrás, quando da primeira visita feita pela PED.

Nesse momento, o entrevistador deve atualizar o preenchimento do quadro apresentado no «Bloco B – Listagem dos Moradores por Família », questionário original da PED. A atualização dos dados lhe permitirá certificar-se de que efetivamente encontra-se no domicílio certo e, nesse caso, localizar o indivíduo previamente sorteado sem criar embaraços ao respondente ou por em risco o sigilo da identificação individual.

Uma vez identificado o indivíduo sorteado, a entrevista poderá ser suspensa em algumas situações : (a) caso o indivíduo não se disponha a concedê-la ; (b) caso não autorize o registro por gravador (isto é imprescindível posto que o material empírico que sustentará a nossa análise será o relato livre do entrevistado ; o nosso relato acerca do mesmo proverá o material para nosso « caderno de campo », outra fonte de análise, que não substitui a anterior). Nesses casos (e em casos de impossibilidades similares), deve-se operar a substituição usando a amostra de reposição.

Uma vez agendada a entrevista, iniciá-la usando como estímulo a frase seguinte:

II – A Entrevista

Gostaria que você me falasse sobre a sua situação atual no que diz respeito ao trabalho, e como tem sido para você viver uma tal situação.

Trata-se de dar início, com esta primeira frase-estímulo, a um relato livre, não previamente estruturado por nós, que conduza o indivíduo a nos abordar as questões que são o foco do nosso interesse : as suas maneiras de agir e reagir diante da situação do desemprego e os significados que atribui a essa situação.

Observe-se que o estímulo de abertura, no caso do Brasil, não alude diretamente à situação de desemprego ; isto se justifica por duas razões: em primeiro lugar, embora todos os jovens selecionados estivessem à procura de trabalho no momento da primeira entrevista (realizada entre janeiro e agosto de 2001), todos eles, dadas as especificidades da forma de institucionalização do desemprego no caso brasileiro, estavam ocupados em trabalhos precários; em segundo lugar, e correlato ao anterior, o entrevistado pode nem se reconhecer como um « desempregado », posto que este é um atributo resultante da classificação institucional acerca da sua situação ocupacional no momento do levantamento inicial (extensamente investigada, conforme com os critérios da PED, adotados nesta pesquisa).

A partir do estímulo de abertura, o relato do entrevistado pode tomar diferentes direções. Assim, dado o interregno entre a primeira coleta e o momento da entrevista, ele pode tratar do emprego que acabou de obter (e, nesse caso, o caso permanece válido e devemos conduzir a entrevista de modo a levá-lo a tratar do desemprego que vivenciou e da procura de trabalho que lhe permitiu obter este emprego). Mas o entrevistado pode, entretanto, iniciar tratando diretamente da situação de desemprego (em que ainda se encontre) e das conseqüências do mesmo. Pode, ainda, tratar das etapas do seu itinerário profissional, da busca de emprego, ou de outros aspectos que lhe sejam evocados por aquele nosso estímulo inicial. Todas essas dimensões nos interessam, sendo importante deixar que, de início, o próprio entrevistado estruture a sua abordagem, de modo a documentarmos o seu processo livre de produzir uma reflexão e de exprimi-la num relato subjetivamente articulado.

Uma vez se perceba ter sido completada essa primeira etapa, trata-se, então, de secundar o seu relato com novos estímulos, que nos pareçam oportunos e que resultem de uma escuta atenta do relato inicial. Estes estímulos subseqüentes, fraseados como novas questões abertas, voltam-se para colher/complementar/precisar a reflexão sobre dimensões fundamentais para criarmos um solo comum às várias entrevistas, assegurando que todas elas focalizem nossos interesses centrais: a experiência do desemprego, a procura de trabalho e o seu percurso profissional. Cada entrevistador é livre para formular os novos estímulos do modo que lhe pareça mais adequado, dado o curso da entrevista.

Prossiga, então, a entrevista colhendo/complementando/precisando a reflexão do entrevistado sobre os temas abaixo, que serão suscitados na ordem que pareça mais adequada dado o curso da entrevista :

As conseqüências do desemprego para o modo de vida :

- . seja no que concerne às relações sociais (com familiares, vizinhos, colegas, amigos) ;
- . seja no que concerne ao nível de vida e aos recursos disponíveis ;
- . seja no que concerne ao ritmo da vida e às atividades práticas que são realizadas

As etapas da trajetória ocupacional e da trajetória familiar do entrevistado.

Dada a especificidade da inserção de jovens no mercado de trabalho no Brasil, não é possível assumir que a sua entrada ao trabalho se faz depois de completo um grau escolar mínimo. Por isto, em muitos dos casos fará sentido colher as etapas da trajetória ocupacional do jovem entrevistado, tal como o faremos para os demais grupos. Bem assim, é pertinente colher a sua trajetória familiar, como forma de verificar padrões e lógicas familiares de inclusão (precoce ou postergada) dos filhos no trabalho.

Observar que o eixo de tempo cronológico será certamente privilegiado. Novamente aqui é oportuno lembrar que é o indivíduo aquele que organiza a narrativa sobre o seu itinerário, fixando os pontos que julgue mais importantes para organizar o relato acerca do mesmo.

Entretanto, é muito importante cuidarmos para que esse itinerário seja recomposto da forma mais precisa possível. Em primeiro lugar, porque nada assegura que esse indivíduo que estamos entrevistando tenha respondido o questionário de mobilidade (em campo apenas a partir de abril de 2001, enquanto nossos grupos alvo foram selecionados com base no estoque PED reunido entre janeiro e agosto de 2001); ademais, na pesquisa por questionário (tal como efetuada no Brasil como módulo suplementar à PED), apenas inquirimos sobre os seus 3 últimos eventos ocupacionais e, mesmo assim, pela cláusula de sigilo, não temos acesso às respostas individuais que foram concedidas pelo entrevistado na fase anterior.

Por tudo isto, a entrevista será o momento chave para reconstituirmos :

- (i) o percurso profissional (diferentes empregos e ocupações, períodos de desemprego ou de interrupção da atividade),
- (ii) as mudanças e acontecimentos relevantes na vida profissional e familiar,
- (iii) as mudanças que vivenciou nos ambientes de trabalho ao longo da sua vida profissional, seja no que concerne às condições e modo de trabalho, seja no que concerne às relações de trabalho.

As formas de procura de trabalho, reconstituindo :

- (i) tanto iniciativas e mecanismos mobilizados nessa procura,
- (ii) como as justificativas para as escolhas e ações empreendidas e
- (iii) avaliações sobre o desenrolar das ações empreendidas.

Observar o mesmo princípio até aqui adotado : partir de uma questão aberta e aprofundar progressivamente cada um dos itens alvo do nosso interesse.

As expectativas do entrevistado quanto ao seu futuro.

O efeito do desemprego sobre as transformações nos valores e crenças que estruturam o modo pelo qual o entrevistado vê a:

- (i) vida profissional : significados conferidos à estabilidade, segurança, profissão, envolvimento, confiança, relação com a empresa ou com o empregador... ;
- (ii) vida familiar e social : (com destaque para o futuro profissional dos filhos, no caso dos jovens com filhos)

ANEXO B

TRAJETÓRIAS: PLANILHA DE EVENTOS

Explicações

- A recomposição detalha no máximo 5 anos, levando em conta os limites legais para o trabalho no Brasil (14 anos até 1999, 16 a partir dessa data). Referências anteriores, da infância, são às vezes incluídas, mas sem precisar a época.
- As informações baseiam-se nas entrevistas (principalmente sobre ocupação e escola), mas utilizam também a caracterização familiar (inicial) e referências de outras pessoas presentes à entrevista (mãe, pai, irmãos, cunhado, noivo), registradas no caderno de campo
- Utiliza-se, para fins analíticos, uma aproximação a classes de poder aquisitivo, segundo escala da ABAP, de A a E (v. explicações no item 3, Parte I)
- A expressão “entorno de periferia” refere-se a bairros mais afastados, na Capital ou outros municípios da GSP, caracterizados pela ocupação irregular, desordenada, infraestrutura precária (transportes, esgoto, limpeza urbana, calçamento), logradouros sem identificação visível (ruas sem nome, casas sem número).
- Para caracterizar os cursos profissionais, utilizam-se as definições da LDB sobre os níveis de educação profissional (EP): básico (sem exigência de escolaridade, livres, sem certificação); técnico (durante ou após o curso médio, com ou sem certificação) e tecnológico (pós médio, com certificação superior).

JOVENS - Caso 2030 – 15/11/01

(Fernanda, mulher, 17 anos, branca, Vila Formosa – zona leste da Capital)

Ano	Ocupação	Escola	Família	Residência
2001 nov	Procura trabalho há de 1 ano* (1 vez por semana, como atendente, telefonista, recepcionista (+ de 100 CV entregues em agências de emprego do centro e bairros de SP, e lojas da região)	Conclui médio – 3a. série, manhã (escola privada). Aprovada no vestibular e matriculada no 1º ano do curso superior de nutrição em faculdade particular da região leste (UNINOVE).	Pai-chefe (43), mãe (42), duas irmãs (20 e 7 anos). Pai e irmã trabalham.	Própria, ampla e confortável (visão externa), sobrado padrão B. Entorno similar, bairro com boa infra-estrutura urbana. Família sempre viveu no local.
2001 antes	Bico: separação de correspondência em agência dos Correios onde irmã trabalha, ganho de R\$20/dia (duração de 1 mês de duração). Procura de trabalho, como atualmente	Cursa 3a. série do médio (mesma escola) Estuda para vestibular (sem fazer cursinho).	a mesma atual	a mesma atual
2000 (16 anos)	Inicia procura de trabalho. Bico: mesmo de 2001 (1 mês) e similar em empresa de mala direta (1 mês)	Cursa 2a. série do médio (mesma escola)	a mesma atual	a mesma atual
1999 (15 anos)	Não trabalha nem procura trabalho.	Cursa 1a. série do médio (mesma escola)	a mesma atual Irmã mais velha começa a trabalhar nos Correios.	a mesma atual
1998 (14 anos)	Não trabalha nem procura trabalho.	Conclui fundamental (8a. série)	a mesma atual	a mesma atual
até 1997 (-14 anos)	Não trabalha nem procura trabalho	Cursa 1a. a 7a. série do fundamental	Nasce irmã mais nova, em 1994 (quando tem cerca de 10 anos)	a mesma atual

* PED jan/01: 26 semanas de procura de trabalho

Nota: entrevista sofreu problemas de ruído (foi feito no portão), e trechos foram regravados, o que encurtou sua duração (dada a pressa da entrevistada).

JOVENS - Caso 5573 – 17/11/01

(Robinson, homem, 18 anos, branco – Santana, norte da Capital)

Ano	Ocupação	Escola	Família	Residência
2001 nov	Há 1 ano: entrega encomendas na confecção da mãe, 8-17h, 2a. a 6a. feira, R\$200/mês, sem registro em carteira. Não procura trabalho, mas deixa CV na Internet (na escola onde faz curso e irmão é instrutor)	EP: cursa técnico em computação (1 ano pós médio), em escola particular onde o irmão é instrutor (paga R\$ 60/mês, com o próprio salário).	Pai-chefe (49), mãe (42), irmão (20). Todos trabalham.	Própria, ampla, sobrado padrão C (visão externa), entorno similar Bairro com boa infra-estrutura urbana e ocupação relativamente ordenada. Família sempre viveu no local.
2001 antes	A mesma acima*	A mesma acima.	A mesma acima	
2000 (17 anos)	Procura trabalho em loja de calçados (indicação de amigo), banco (indicação da tia) e supermercado da região (anúncio em jornal).	Conclui grau médio (3a. série)	A mesma acima	
1999 (16 anos)	Inicia busca de trabalho.	Cursa 2a. série do médio	A mesma acima Irmão começa a trabalhar, na escola onde fez curso de informática	
1998 (15 anos)	Não trabalha nem procura.	Cursa 1a. série do médio	A mesma acima	
Até 1997 (-14 anos)	Não trabalha nem procura.	Cursa fundamental (8 séries).	A mesma acima.	

* PED fev/01: 77 semanas de procura de trabalho.

JOVENS - Caso 6446 – 16/11/01

(Márcio, homem, 19 anos, branco – Santo André, ABC/GSP)

Ano	Ocupação	Escola	Família	Residência
2001 nov	Desde 14 anos: balconista e caixa em lanchonete dos pais, no centro da cidade, horário comercial (flexível), 2a. a 6a. feira, registro em carteira com SM (+ mesada). Aprovado em concurso e aguardando nomeação para cargo de técnico em comunicações da Polícia Civil, salário de R\$1.000.	Concluindo 1º ano de Turismo – USP, horário noturno. EP básica: espanhol.	Pai-chefe (44), mãe (42) e irmã (13). Pai e mãe trabalham na lanchonete que têm no centro da cidade.	Própria, ampla, confortável, equipada (visão externa e interna), sobrado padrão B. Entorno similar, com boa infra- estrutura urbana; rua tranqüila. Família reside no local há mais de 10 anos.
2001 antes	A mesma acima, sem procurar trabalho*	Cursa 1º ano de turismo – USP	a mesma acima	a mesma acima
2000 (18 anos)	A mesma acima	Aprovado na FUVEST, para turismo/USP. Cursa um ano de pré vestibular. Inicia 1º ano de turismo em faculdade particular (Anhembi).	a mesma acima	a mesma acima
1999 (17 anos)	A mesma acima	Conclui ensino médio (escola privada). Passa no vestibular para curso superior de turismo da Anhembi; tenta FUVEST.	a mesma acima	a mesma acima
1998 (16 anos)	a mesma acima	Cursa 2a. série do médio (mesma escola) EP básica: inglês e informática	a mesma acima	a mesma acima
1997 (15 anos)	a mesma acima	Cursa 1a. série do médio EP básica: mesma acima		
até 1996 (até 14 anos)	Começa a trabalhar na situação acima com 14 anos. Infância: ajuda eventual na mesma lanchonete e antes no bar dos pais.	Cursa grau fundamental (8 séries).	Com 7-8 anos: pais vendem bar em S. Caetano e compram lanchonete atual, Com 6 anos: nasce irmã	Com 7-8 anos: muda de S. Caetano, onde nasceu, para endereço atual

* PED fev/01: 51 semanas de procura de trabalho e grau médio completo.

JOVENS - Caso 7095 – 15/11/01

(Daniel, homem, 18 anos, branco – Vila Formosa – leste da Capital)

Ano	Ocupação	Escola	Família	Residência
2001 nov	Há 3 meses: cobrador em cooperativa de cobrança (indicação de amigo), horário e semana comercial, sem registro em carteira, R\$250,00/mês + ajuda de custo para condução (promessa de comissões de 2% após a fase de experiência.)	Concluindo 1a. série do grau médio, horário noturno, escola pública da região*	Pai-chefe, mãe, 1 irmã (20 anos). Tem + 1 irmã e 3 irmãos, mais velhos e casados**. Pais têm barraca de feira (hortifruti) há 20 anos, na região.	Própria, ampla, padrão C**. Entorno misto (barracos e casas simples e médias), bairro com boa infra-estrutura urbana). Vive no local desde pequeno; nasceu na região.
2001 antes	Procurando trabalho*** Bicos: ajudante de chaveiro, usinagem de fundo de quintal. embalagem de doces (com amigos e conhecidos),	Cursa 1a. série do grau médio, mesma escola/horário	mesma acima	mesma acima
2000 (17 anos)	Office boy por 1,5 ano; saiu devido ao baixo salário e falta de perspectivas.	Conclui grau fundamental (8a. série), mesma escola/horário	mesma acima	mesma acima
1999 (16 anos)	Obtém emprego de office boy com registro em carteira (indicação do cunhado). Antes: bico em oficina mecânica de autos de amigos (4 meses).	Cursa 7a. série fundamental, mesma situação acima	mesma acima	mesma acima
1998 (15 anos)	Bico: ajuda pais na barraca de feira e outros eventuais	Cursa 6a. série fundamental, mesma acima	mesma acima	mesma acima
até 1997 (até 14 anos)	Ajuda pais na barraca da feira (hortifruti) desde 5-6 anos de idade (pais o levam junto desde que nasceu).	Cursa 1a. a 5a. série do fundamental	mesma acima	mesma acima

* Atraso escolar de 1 a 2 anos, provável reprovação no fundamental.

** Caso sorteado como “outro parente” e entrevistado no domicílio sorteado, confirmando condição de freqüentador usual, amigo da família. Mas reside quase ao lado, com a própria família. Para fins da pesquisa, pode ser considerado “filho”, como os demais.

*** PED fev/01: 4 semanas de procura de trabalho.

JOVENS - Caso 9 – 11525 – 18/11/01

(Diego, homem, 18 anos, branco – Vila Curuçá, leste da Capital)

Ano	Ocupação	Escola	Família	Residência
2001 nov	Há 1 ano: vende e assa churrasquinho em barraca do tio, junto com padrasto*, na Estação Artur Alvim do Metrô, das 15-20 horas, de 2a. a 6a., e no sábado das 12-19. Ganha R\$400,00/mês (variável).	Concluindo 3a. série do médio, de manhã, escola pública. EP básica: inglês na Cultura Inglesa (de 3 anos; está no 2º ano - está de férias, volta em fev/02).	Padrasto-chefe* (43), mãe (45), irmã (12).	Sobrado pequeno (visão externa), padrão C, nos fundos de terreno onde fica residência dos avós (ampla, simples, padrão C, visão interna, da sala). Vive há + de 10 anos no local.
2001 antes	Mesma acima, sem procurar trabalho**.	Cursa 2a. série do médio e inglês – mesma acima	mesma acima	mesma acima
2000 (17 anos)	Procura trabalho de office boy em agências de emprego do centro de São Paulo. Chamado por empresa canadense, por ter noções de inglês, mas logo recusado por não ter certificado de reservista.	Cursa 1a. série do médio e inicia inglês – mesma acima.	mesma acima	mesma acima
1999 (16 anos)	Faz teste e é aprovado como aprendiz de lapidação da H. Stern (indicado por prima), mas recusado por não ter certificado de reservista. Inicia procura de trabalho em mercadinhos da região e agências do centro de SP (office-boy)	Conclui fundamental (8a. série) EP básica: informática (tem computador)	mesma acima	mesma acima
1998 (15 anos)	Bicos: ajudante de pedreiro, de eletricista (com pai e tio).	Cursa 7a. série do fundamental	mesma acima	mesma acima
Até 1997 (até 14 anos)	mesma acima	Cursa 1a. a 6a. série do fundamental	Perda do pai na infância*	Nasceu na Moóca, Capital. Mudou 2 vezes, para bairros vizinhos, até mudar-se para atual (a anterior era ao lado).

* O jovem refere-se ao padrasto como “pai”, a condição de padrasto foi ressaltada pela avó, que assistiu entrevista; não houve clima para abordar a perda do pai na infância. O jovem explicita, porém, conflito latente entre pai e tio, pela gestão do negócio.

** PED mar/01: 51 semanas de procura de trabalho.

JOVENS - Caso 13802 – 19/1101

(Melina, mulher, 18 anos, branca – Santo André, ABC/GSP)

Ano	Ocupação	Escola	Família	Residência
2001 nov	2º semestre: procura estágio na área do curso, inscrita no CIEE e cadastro Internet. Bicos: fotografia, vídeo (com amigos); artesanato próprio (touquinhas, pulseiras). Em casa: limpeza e arrumação (rodízio).	Concluindo 1º ano de Psicologia (Faculdade S. Marcos, Ipiranga, S. Paulo - particular).	Pai-chefe, mãe, irmã (21 anos). Pai e irmã trabalham no restaurante da família, na cidade. Mãe professora de artes	Própria, ampla, confortável, equipada (visão externa e interna), padrão B). Entorno similar, com boa infra- estrutura urbana; rua tranqüila*, familiares na mesma rua. Família sempre residiu no local.
2001 início	Bicos: mesmos acima**	Inicia Faculdade de Psicologia (e deixa turma escolar que vem desde a pré-escola)	mesma acima	mesma acima
2000 (17 anos)	Bico: ajuda pai no restaurante da família (1 vez por semana).	Conclui médio (escola privada da região), faz vestibular e é aprovada para o curso de Psicologia. EP: conclui técnico de fotografia no SENAC	mesma acima Irmã ausente, cursando Hotelaria no Senac de Águas de S. Pedro (período integral)	mesma acima
1999 (16 anos)	Bico: mesmo acima. Inicia procura de trabalho em lojas de shoppings da região; chamada para 1 entrevista, mas recusada por ser menor de idade.	Cursa médio – 2a. série (mesma escola acima). EP: inicia fotografia no SENAC (curso técnico, de 1,5 ano, modular)	mesma acima	mesma acima
1998 (15 anos)	Bico: mesmo acima	Inicia médio – 1a. série (mesma escola acima)	mesma acima, irmã presente	mesma acima
1997 (até 14 anos)	Bico: mesmo acima e antes no bufê do avô, a partir de 10- anos, montando bandejas para festas e, depois, ajudando no escritório (papéis, arquivos).	Cursa pré e fundamental em escola privada, pequena, inovadora, EP básica: inglês (1 ano), piano (7 anos), dança (flamenco, do ventre)	mesma a cima	mesma acima

* Família assaltada 3 vezes seguidas; na última, levaram o carro novo do pai

** PED abr/01: 9 semanas de procura de trabalho.

JOVENS - Caso 20015 – 18/11/01

(Ederson, homem, 16 anos, branco* - Arujá, norte GSP)

Ano	Ocupação	Escola	Família	Residência
2001 nov	Há 1 ano: bicos de digitação de CV e trabalhos escolares para colegas; ganha R\$20-30 por mês (1,50/CV, 5-10/mês); Procura trabalho na área de informática; envia CV para escritórios e colocou na Internet há uma semana (iniciativa do grêmio escolar, de intermediar alunos junto a prefeituras e empresas da região).	Concluindo 2a. série do médio em escola pública, horário diurno. EP básica: informática (1 vez/semana), R\$40/mês (com bolsa**) Obtém, mas recusa bolsa** para curso + avançado de informática, pois mãe não pode pagar (R\$125 por mês, já com 50% de desconto)	Mãe-chefa (42) e irmão gêmeo (16). Mãe trabalha, mas está de licença por motivo de saúde.	Alugada, ampla, padrão D (visão externa). Casa própria em construção ao lado, mesmo padrão. Entorno de periferia. Família sempre residiu nas imediações.
2001 antes	Mesma acima*	Cursando 2a. série do médio, mesma acima Obtém 1/2 bolsa** (sorteio na escola e inicial curso de informática acima.	mesma acima	mesma acima
2000 (15 anos)	Inicia procura de trabalho em escritórios da região (envia CV)	Cursa 1a. série do médio, mesma escola acima.	mesma acima	mesma acima
1999 (14 anos)	Bicos: descarregar caminhão do tio Não procura trabalho.	Conclui fundamental, mesma escola acima.	mesma acima	mesma acima
1998 (até 13 anos)	Não trabalha nem procura trabalho	Cursa 1a. a 7a. série do fundamental, mesma escola acima.	Provável perda do pai na infância***	mesma acima

* PED jun/01: registra cor “parda” (talvez em função da aparência da mãe) e 51 semanas de procura de trabalho.

** Expediente comum de escolas particulares, para atrair alunos (“oferta” de descontos de 50% sobre “preço normal”).

*** Sem abertura para explorar o assunto, dado o monitoramento da entrevista pela mãe, inicialmente hostil e desconfiada.

JOVENS - Caso 20308 – 17/11/01

(Kelly, mulher, 19 anos*, parda – Osasco, oeste GSP)

Ano	Ocupação	Escola	Família	Residência
2001 nov	Bico: babá de sobrinhos e vizinhos, ganho variável. Procura trabalho há + de 1 ano, como professora, balconista, vendedora, caixa (vagas permanentes ou temporárias). Aguarda nomeação de concursos públicos.	Não estuda. Tem grau médio completo, Magistério.	Pai-chefe (63), mãe (58). Tem irmãos e irmãs (22, 24) casadas, com filhos, que moram ao lado. Pai aposentado, faz bicos de pedreiro na região.	Própria, padrão D, em obra/sem acabamento, em terreno onde há mais 2 casas, estilo meia-água, parede-meia, onde vivem familiares. Entorno de periferia.
2001 antes	Mesma atual e bico em floricultura de amiga da irmã (que fechou)**. Inscrita na Frente de Trabalho e Centro de Solidariedade de Osasco***. Bicos: balconista (papelaria, floricultura de amiga da irmã, que fechou) Faz e passa em 2 concursos públicos da prefeitura (auxiliar de escritório).	mesma atual	Mesma acima. Fica noiva. Nasce sobrinho mais novo	mesma acima
2000 (18 anos)	Realiza estágio prático do curso (4º ano), em escolas públicas da região, 1 ano, 2 vezes por semana, bolsa de 1 SM Bicos: mesmos acima. Inicia procura de vaga de professora de 1a. a 4a. série do fundamental: CV em escolas, contatos com deputados, vereadores.	Conclui formação para o magistério, médio, 4 anos, período integral, em escola pública da região (CEFAM)	Mesma acima. Última irmã se casa (só Kelly solteira na família) Nasce(m) sobrinho(s).	mesma acima Provável obra para abrigar novo casal.
1999 (17 anos)	Bicos: mesmos acima + papelaria e outra floricultura da região Não procura trabalho.	Cursa 3a. série do médio (mesmo acima).	Mesma acima, com + 1 irmã solteira no núcleo.	mesma acima
1998 (16 anos)	mesma acima	Cursa 2a. série do médio (mesmo acima)	Mesma acima	mesma acima
1997 (15 anos)	mesma acima	Inicia médio (mesmo acima)	mesma acima****	mesma acima
até 1996 (até14 anos)	babá (sobrinhos, vizinhos)	Cursa fundamental, escola pública	mesma acima****	mesma acima

* O pai, contato inicial, informou que tinha 18, mas a entrevistada corrigiu.

** PED jun/01: 26 semanas de procura de trabalho

*** Programas públicos financiados pelo FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador

**** Possíveis casamentos e saída de irmãos, não detalhados na entrevista.

JOVENS - Caso 20984 – 16/11/01

(Carla, mulher, 19 anos, negra – São Caetano, ABC/GSP)

Ano	Ocupação	Escola	Família	Residência
2001 nov	Desempregada há 2 meses. Vai procurar vaga temporário (comércio, serviços). Tem oferta de padaria próxima (onde mãe trabalha), ganharia R\$400 mês, mas não quer por não ter folga semanal.	Concluindo grau médio – 3a. série, em escola pública da região, noturno*	Mãe-chefa (46 anos) e 2 irmãos (23 e 18 anos**). Irmão de 24 anos na prisão. Pai vivendo em Perus, SP. Mãe e irmão de 23 trabalham (este não ajuda). Mãe trabalha de 15-24 h em padaria próxima, R\$400 por mês, sem folga.	Própria. Edícula, sobrado, padrão E, nos fundos de terreno comprido, com mais uma edícula tipo meia água (da tia). Viela com casas perto do centro da cidade. Reside no local desde infância.
2001 antes	Perde emprego de arrumadeira, por problemas financeiros da patroa.	Cursa 3a. série do grau médio (mesma acima).	Mesma acima Rompe namoro de 7 meses, depois de perder o emprego.	mesma acima
2000 (18 anos)	Obtém emprego de arrumadeira com registro em carteira, em casa de família, Ipiranga, Capital, indicação de pessoa da igreja (é evangélica).	Cursando 2a. série do grau médio (mesma acima)	Mesma acima Prisão do irmão de 24 anos, por roubo (estava desempregado).	mesma acima
1999 (17 anos)	Bicos: babá, ajudante de cozinha em restaurante; cortadeira de frios em mercadinho, desde 14 anos sempre na região. (cerca de 2 anos trabalhados, entre 14-18 anos). Procura emprego	Cursa 1a. série do grau médio (mesma acima)	Mesma acima. Desemprego do irmão mais velho.	mesma acima
1998 (16 anos)	Mesma acima	Conclui fundamental (8a. série)	Mãe e irmãos trabalhando.	mesma acima
1997 (15 anos)	Mesma acima.	Cursa 7a. série	Mesma acima.	mesma acima
Até 1996 (até 14 anos)	Mesma acima. Inicia busca de emprego com 14 anos	Cursa 1a. a 6a. série fundamental	Pai abandona família por volta de 1986-88); raros contatos posteriores.	Mãe vai residir no local depois da saída do pai.

* Provável atraso escolar de 1 ano, reprovação no ensino fundamental (sem referência).

** Deveria ter sido o entrevistado, mas estava ausente e, segundo a irmã, não pára em casa (desempregado, mas procurando e fazendo bicos).

JOVENS - Caso 21397 – 20/11/01

(Edson, homem, 18 anos, negro – Ferraz de Vasconcelos, leste GSP)

Ano	Ocupação	Escola	Família	Residência
2001 nov	Desocupado. Inscrito na Frente de Trabalho do município, por meio da escola.	Concluindo 3a. serie do médio, escola pública da região, noturno	Pai-chefe (45), mãe (44), irmã (17). Pai é motorista de ônibus municipal; mãe costura em casa, para clientes do bairro. Irmã trabalha nos fins de semana em pizzaria próxima (serve, limpa, atende telefone).	Própria, ampla, térrea, simples, (visão externa e interna, a partir da cozinha), padrão D, entorno de periferia. Família sempre residiu no local.
2001 antes	Procura trabalho no centro de SP (Galeria 24 de Maio)**, como office boy, ajudante geral; em supermercados da região Bico principal (3 meses): entrega de propaganda de cabeleireiro afro, na Galeria 24 de Maio, R\$40,00/semana (deixou porque gastava muito em condução). Ultimo bico: aux. em empresa de mudanças.	Cursando 3a. série do médio. EP básica: inicia curso de manutenção de computador, em escola privada, R\$20,00 por semana, mas desiste dada a baixa qualidade do curso (só teoria).	mesma acima	mesma acima
2000 (17 anos)	Mesma acima. Bicos (dias): office boy, ajudante de pedreiro, ajudante em agência de correios	Cursa 2a. série do médio Chutado e chamado de “preto nojento” por policial (também negro) em batida na escola	mesma acima	mesma acima
1999 (16 anos)	Só procura trabalho.	Cursa 1a. série do médio	mesma acima	mesma a cima
1998 (15 anos)	mesma acima	Conclui fundamental, 8a. série, noturno.	mesma acima	mesma acima
Até 1997 (14 anos)	Inicia busca de trabalho.	Cursa 1a. a 6a. série no diurno e passa para 7a. no noturno, para poder procurar trabalho.	mesma acima	mesma acima

* PED jun/01: consta como de cor “parda” (talvez devido à aparência da mãe); registra 9 semanas de procura de trabalho.

** Conhecida por reunir tribos alternativas de jovens (rappers, clubbers, punks, tatuados e tatuadores, entre outros). Edson é rapper.

JOVENS - Caso 26839 – 17/11/01

(Rosivane, mulher, 16 anos*, branca – Carapicuíba, oeste GSP)

Ano	Ocupação	Escola	Família	Residência
2001 nov	Há 4 meses: babá de filho da prima, 7-18 h, 2a. a 6a., R\$100/mês, sem registro. Primeiro emprego, obtido pela mãe. Não procurou trabalho.	Concluindo grau fundamental – 8a. série, em escola pública próxima*, horário noturno.	Pai-chefe (50), mãe (50), + 5 irmãs (22, 21, 20, 15, 13) e 1 irmão (18) – 9 pessoas no total. Pai, filho e filhas mais velhas trabalham***.	Própria, ampla, sobrado em obras (pai e irmão trabalhando durante a entrevista), padrão C (visão externa). Entorno de periferia.
2001 antes	Mesma situação acima, sem procurar trabalho****. Ajuda mãe no serviço doméstico	Cursando 8a. série do fundamental, mesma situação acima.	mesma acima	mesma acima
2000 (15 anos)	mesma acima	Cursa 7a. série do fundamental (diurno)	mesma acima	mesma acima
até 1999 (14 anos)	mesma acima	Cursa 1a. a 6a. série do fundamental	mesma acima (Nasceram + 2 irmãs, na infância).	mesma acima

* PED jul/01: registra 17 anos de idade

** Provável atraso escolar de 1-2 anos (sem referência na entrevista, que mostrou dificuldades de fala e comunicação da jovem).

*** Informações prestadas pela irmã de 13 anos, contato inicial, que acompanhou a entrevista, com visível desembaraço e facilidade de comunicação em relação à entrevistada. Os dados pessoais foram confirmados por esta.

**** PED jul/01: 9 semanas de procura de trabalho

JOVENS - Caso 30690 – 17/11/01

(Rosiléia, mulher, 17 anos, branca* - Parque São Domingos, noroeste Capital)

Ano	Ocupação	Escola	Família	Residência
2001 nov	Sábados e domingos: ajuda pai na feira livre (barraca de roupas); recebe em espécie (roupas, calçados) e mesada. Dias úteis: ajuda mãe no serviço doméstico e como babá (mãe cuida de criança de 4 anos). Procura trabalho há 3 meses, aproveitando ofertas temporárias.	Não estuda.	Pai-chefe (49), mãe (49) e irmã (7). Há + 2 irmãs mais velhas, casadas, com filhos, que moram em outro local. Pai feirante (roupas) e mãe trabalha em casa (vende lingerie e cuida de criança de 4 anos, de vizinha).	Própria, ampla, térrea, simples (visão externa e interna, a partir da cozinha), padrão D, entorno de periferia. Família sempre residiu no local.
2001 antes	A mesma acima. Procura trabalho: deixa CV/ficha em lojas, confecções, supermercado, lanchonete na região.	Parou de estudar (queria ir para escola mais distante, curso noturno, mas pais não permitiram).	mesma acima	mesma acima
2000 (16 anos)	A mesma acima. Começa a procurar trabalho em empresas da região (ao atingir a idade mínima legal).	Cursa 1a. série do grau médio, diurno, escola pública próxima.	mesma acima	mesma acima
1999 (15 anos)	Começa a ajudar pai na feira. Ajuda mãe nos serviços domésticos. Bico: separação de roupas em confecção, ajudando uma prima (2 semanas)	Conclui grau fundamental – 8a. série (mesma escola)	mesma acima	mesma acima
até 1998 (14 anos)	Ajuda mãe nos serviços domésticos.	Cursa 1a. a 7a. série do fundamental (mesma escola)	Mesma acima Irmã menor nasce quando tem 8 anos.	mesma acima.

* PED ago/01: registra cor “parda” e 3 semanas de procura de trabalho.

BIBLIOGRAFIA

AAPCS, 2000. **Relatório de atividades 2000**. Capacitação Solidária. São Paulo, AAPCS,

AAPCS, 2001-a. **Efeitos do Programa Capacitação Solidária sobre as organizações capacitadoras**. São Paulo.

AAPCS, 2001-b. **Avaliação de impacto do Programa Capacitação Solidário sobre os egressos de cinco regiões metropolitanas**. São Paulo, NEPP/Unicamp.

CINTERFOR/OIT. 1998. **Juventud, educación y empleo**. Montevideu. (diversos autores)

CASTELLS, M. 1999. **Fim de Milênio**. São Paulo, Paz e Terra (*A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*, v. 3).

GALLART, M. A. (coord.). 2000. **Formación, pobreza y exclusión: los programas para jóvenes**. Montevideo, OIT/Cinterfor.

CASTRO, M. G. 2001 (coord.). **Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza**. Brasília, Unesco, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, BID.

JACINTO, C. y GALLART, M. A. 1998. **Por una segunda oportunidad: la formación para el trabajo de jóvenes vulnerables**. Montevideo, OIT/Cinterfor.

JACINTO, C. 1996. **Adolescencia, pobreza, educación y trabajo**. Buenos Aires, Losada/Unicef.

LEITE, E. M. 2001. **Programas de capacitação para jovens desfavorecidos na América Latina; experiências de monitoramento e avaliação**. Paris/Buenos Aires, Unesco/IIEP. mimeo

MADEIRA, F. R. (org.). 1997. **Quem mandou nasceu mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil**. Rio de Janeiro, Unicef, Record/Rosa dos Ventos.

MEC/INEP . 2000. **Geografia da Educação Brasileira**. Brasília.

MTE/SEFOR. 1997. **I Fórum Nacional Adolescência, Educação e Trabalho**. Belo Horizonte. (mimeo, textos de autores diversos).

OIT, 1999. **Desemprego juvenil no Brasil: em busca de opções**. Brasília.

PIECK, E. 2001 (coord.). **Los jóvenes y el trabajo; la educación frente a la exclusión social**. México, Universidad Iberoamericana, Cinterfor/OIT, Instituto Mexicano de Juventud, UNICEF, CONALEP, Red Latinoamericana de Educación y Trabajo.

PROJOVEN, 2000. **Un programa de capacitación e inserción laboral para jóvenes**. Montevideo, JUNAE-DINAE/MTSS e INJU/MEC. mimeo

SCARCERIEAU, D. L. 1997. **Jóvenes empresarios; entre la realidad y el deseo del negocio propio**. Lima, CID – Colectivo Integral de Desarrollo.

UNESCO/IIEP e AAPCS. 2000. **Enfoques de avaliação de programas de formação dirigidos a grupos desfavorecidos**. Seminário Latino Americano, São Paulo. mimeo (resumo das apresentações)

SIGLAS E ABREVIATURAS

- AAPCS – Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária (Brasil)
- BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento
- CEFAM – Centro de Formação para o Magistério
- CINTERFOR – Centro de Informação e Documentação sobre Formação Profissional da OIT (Montevidéu)
- CV – curriculum vitae
- DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos
- DINAE – Dirección Nacional de Empleo (Uruguai)
- EP – Educação Profissional
- FAT – Fundo de Amparo do Trabalhador (Brasil)
- FOMIN – Fundo Multilateral de Inversões
- FOSIS – Fundo de Solidariedade e Inversão Social
- IIEP – Instituto Internacional de Planejamento em Educação (UNESCO)
- INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (MEC)
- INJU – Instituto Nacional de Juventude (Uruguai)
- JUNAE – Junta Nacional de Empleo
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 24/12/1996.
- MEC – Ministério da Educação e Cultura (Brasil e Uruguai)
- MTSS – Ministério do Trabalho e Seguridade Social (Uruguai)
- OIT – Organização Internacional do Trabalho
- ONG – Organização Não Governamental
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PEA – População Economicamente Ativa
- PED – Pesquisa de Empleo e Desempleo
- PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
- PROJOVEN – Programa de Capacitação e Inserção Laboral para Jovens
- RF – renda familiar
- SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
- SENCE – Serviço Nacional de Capacitação e Empleo (Chile)
- SM – Salário mínimo
- UCP – Unidad Coordinadora del Programa (Projovent, Chile Jovem)
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
- UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância